

1897

20 TRIMESTRE

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO DO CEARÁ

Sob a direcção de Dr. Guilherme Studart

ANNO XI

2º Trimestre de 1897

~~~~~  
*TOMO XI*  
~~~~~

Dedimus profecto grande
patientiae documentum.

ASSIGNATURA ANNUAL 6\$000



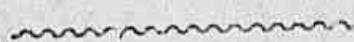
FORTALEZA

TYPOGRAPHIA STUDART

Rua Formosa, n.º 46

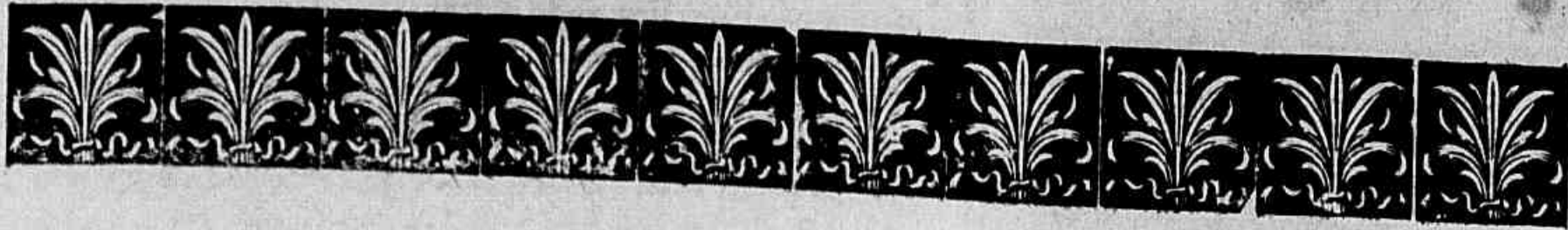
—
1897

SUMMARIO



	PAGINA
—Présidentes do Ceará. Período Regencial. 6º presidente Tenente-Coronel Ignacio Correia de Vasconcellos. Por Paulino Nogueira.	89
—Para a historia da Libertação dos escravos do Ceará. Relatorio ou Synopse Historica da inauguração da sociedade «Cearense Libertadora» por Antonio Martins, secretario da sociedade «Perverança e Porvir»	105
—Documentos relativos aos hospitaes de Jacarecanga e Lagôa-funda e paiol de polvora do Croatá	113
—Carta do Bispo D. José Joaquim de Azeredo Coutinho sobre os indios da Capitania	124
—A Imprensa no Ceará. Notas. Por João Baptista Perdigão de Oliveira.	129
—José de Alencar	142





PRESIDENTES DO CEARÁ

Periodo Regencial

6.º PRESIDENTE

Tenente-Coronel Ignacio Corrêa de Vasconcellos

POR

Paulino Nogueira

(Continuação da pag. 221 do 3.º Trimestre de 1896)

I

Tenente-Coronel do estado-maior de 2.ª classe, bahiano, natural de S. Amaro.

Precedia-o a justa nomeada de official habil, honesto e valente, com importantes e recentes serviços á causa publica.

Graças á sua intelligente e brava cooperação no commando das armas do Maranhão, em 1831, devera Candido José de Araujo Vianna, depois Marquez de Sapucahy, presidente da provincia, a pacificação desta, em cujo interior a ordem publica fôra seriamente alterada, com roubos e mortes, por um bando de malfeitores capitaneado pelo ourives do Ceará Antonio João Damasceno. (1)

(1) Vide Abreu e Lima, *Synopsis ou Dedueção Chronologica*, Pag. 355.

Este honroso precedente valera-lhe dous annos depois, em 1833, a nomeação de commandante das armas do revolucionado Pará, em cujo porto, porém, não pôde desembarcar, devido á tenaz resistencia que oppozeram a elle e ao respectivo presidente José Mariano, os partidarios do conego Baptista, senhores da Capital. (1)

Foi então que occorreu á Regencia seu nome para presidente desta Provincia por indicação do senador Alencar, seu particular amigo e influencia prestigio: a do norte do imperio.

Araujo Vianna, a esse tempo ministro da fazenda, foi tambem parte para a sua nomeação, que teve logar por Carta Imperial do 1.º de Agosto de 1833.

Eis como elle em officio n.º 17 de 13 de Dezembro desse anno dá conta exacta da sua chegada á esta Capital e da sua posse ao ministro do imperio Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, depois Visconde de Sepetiba :

«Em 24 do proximo passado mez cheguei á esta Capital, no dia 26 do mesmo mez fui empossado da Presidencia (2), não me sendo possível chegar mais cedo pela demora forçada que tive em Pernambuco á falta de transporte para este porto.

«Apenas entrado na administração da Provincia tive conhecimento do estado de perturbação em que ainda se achão aquelles logares onde dominou o rebelde Pinto Madeira. Varios chefes, que commandarão forças ás ordens deste, se tem outra vez insurgido em diversos pontos com grandes grupos de faccioneros, atação as estradas

(1) Vide a mesma *Synopsis*. Pag. 361 e Dr. Rayol (Barão de Guajará), *Motins Politicos do Pará*, T. 1º.

(2) Mas chegou ao porto da Fortaleza na corveta *Bertioga* na tarde do dia 23, saltando em terra ás 8 h ras da noite, para evitar antes máu desembarque.

Recebeu as redeas da administração das mãos do presidente demissionario José Mariano, prestando juramento perante a Camara da Capital, composta de Angelo José da Expectação Mendonça, Simão Barbosa Cordeiro, Manoel José de Vasconcellos, Francisco Antonio Leal, Joaquim da Fonseca Soares e Silva e Rufino da Silva Fialho.

e mesmo as povoações menos guarnecidas. Ainda no dia 3 do proximo passado atacarão a povoação de Missão Velha em numero de 200 por ser pequena a guarnição que nella se achava, e comtudo forão rechaçados.

«O meu antecessor poucos dias antes da minha posse havia expedido ordens para se fazer um cerco e dar-se um ataque geral, que de uma vez fizesse cessar estas desordens, prendendo os cabeças dellas. Eu tenho mandado proseguir nestas ordens, e bem que as ultimas participações officiaes dão a certeza de que tudo se ia dispondo para a execução dellas, comtudo convenci-me que só a presença do Governo poderia n'aquelles logares fazer a pacificação da Provincia; em consequencia tenho disposto tudo para partir d'aqui no dia 15 do corrente. Esta minha deliberação é o voto unanime de todas as pessoas mais gradas desta Capital e do centro da Provincia, donde chegão todos os dias cartas e officios reclamando a presença do Governo n'aquelles logares.

«Tenho-me convencido, Ex.^{mo} Snr., que esta Provincia, aliás pacifica em sua maior parte, tem comtudo um fóco de perturbações e desordens n'aquelle paiz chamado Cariri e suas circumsvizinhanças. Este paiz, aliás o mais ameno da Provincia, é bastantemente populoso, podendo-se avaliar em 40 mil habitantes: o povo que o habita, quasi todo é gente de côr e fanatisado ha muitos annos pelo P.^o Antonio Manoel de Souza e outros de quem adoptarão os principios errados contra a Constituição e a Liberdade do Brasil.

«Accresce que todos esses chefes, que ás ordens do perverso Pinto Madeira commetterão atrocidades de todo o genero, estão impunes e são os mesmos que agora estão á testa de faccionorosos armados, atacando e roubando.

«A Provincia toda está assustada com a idéa de que esses faccinorosos, que são em numero de milhares, saindo do Cariri, se derramão e sevão suas atrocidades com muitas mortes. Além disto aquelle paiz, tendo dentro em si todos os recursos e sendo em suas entradas mercado de gargantas de serras e desfiladeiros, como es-

tou informado, offerece bastante difficuldade a ser atacado quando succeda ficar inteiramente dominado pelos faccinorosos, que aliás parecem ter o intento de massacrar as poucas familias laboriosas que ahi ha e assenhorearem-se completamente das propriedades e de todo o paiz. Demais aquelle ponto é o mais longinquo da Provincia, donde dista mais de cem legoas (1), e pelo conseguinte mais difficultoso se torna atacal-os com grandes forças.

« Por todas estas razões assentei que o maior cuidado do Governo se deveria applicar para aquelle ponto, a fim de se acabar por uma vez aquelle fóco de desassocego da Provincia, e isto emquanto temos dentro algumas forças guarnecendo as principaes povoações, antes que estas desanimem e os faccinorosos se encoragem. O que rogo a V. Ex.^a queira levar ao conhecimento da Regencia em Nome do Imperador, esperando eu, que V. Ex.^a approvará esta minha deliberação, unica que me parece capaz de fazer a completa pacificação desta Provincia».

II

Antes já se tinha elle dirigido aos seus administrados pela seguinte Proclamação, seu programma de governo :

« Cearenses ! Encarregado pelo Governo Supremo da Presidencia desta vasta e populosa Provincia o meu mais sincero desejo é desempenhar tão honrosa commissão, promovendo quanto couber nos limites de minha authoridade o bem estar e prosperiedade dos seus habitantes.

A prompta execução das leis, a fiel obediencia ás ordens da Regencia, que em Nome do Imperador, Nosso Augusto Patricio, dirige os Destinos do Imperio, é o mais seguro meio de conseguir o fim a que me proponho.

A lei, honrados Cearenses, presidirá e fará a norma

(1) Pompêo. *Compendio Elementar de Geographia Geral e Especial do Brazil*, 5.^a Edição, Pag. 521, diz que o Crato dista do mar 80 leguas; e assim se conta officialmente.

das minhas acções em qualquer dos actos de minha administração e conducta politica.

Cearenses ! Comquanto seja este o meu firme proposito, nada poderia conseguir sem a vossa prompta cooperação, se não ajudado pelas authoridades subalternas e mesmo por cada um de vós em particular, qualquer que seja a posição em que vos acheis collocados na sociedade.

Meditae e conhecereis que é um erro o suppôr-se que o Governo só por si é bastante para fazer a publica felicidade.

Se um povo se degenera a acção da primeira autoridade poderá, sim, conter por poucos instantes os facciosos, mas nunca tornar esse mesmo povo bom e feliz.

E' pois do concurso de todas as vontades, é do inteiro cumprimento de todos os deveres, que partem o bem e a prosperidade publica.

Ajudae-me, pois, se quereis ser felizes.

Lembrae-vos que antes de tractar-se de qualquer melhoramento em uma sociedade cumpre primeiro salvar a sua existencia, sempre incompativel com o estado de guerra e de perturbações em que infelizmente nos achamos pela continuação dessa horda de facciosos que ainda formigão em differentes districtos do interior da Provincia.

Dignos Cearenses ! Para a pacificação completa da Provincia nenhum sacrificio pouparei : o meu desejo é conforme aos vossos peculiares interesses. Sou brasileiro de coração e por conseguinte vosso amigo : assás o tenho mostrado já em outras muitas Provincias do Imperio ; contae comigo, assim como eu comvosco.

Cearenses ! Unamo-nos em um só principio, em uma só vontade para o inteiro restabelecimento da ordem, e no goso desta entoemos :

— Viva S. M. o Imperador !

— Viva a Constituição, a Assembléa Legislativa, a Regencia em Nome do Imperador e o Brioso e Generoso Povo Cearense !

Palacio do Governo do Ceará, 28 de Novembro de 1833.

Ignacio Corrêa de Vasconcellos. »

Firme no proposito de ir pessoalmente ao interior bater os turbulentos e malfeitores nos seus covis, Vasconcellos convocou extraordinariamente o Conselho Geral de Provincia e expoz-lhe minuciosamente o estado das cousas, a sua intenção, concluindo por pedir-lhe os recursos que julgava indispensaveis.

O Conselho foi prodigo na concessão dos meios e autorizações pedidas, de modo que nada faltou ao Presidente para emprender a viagem a seu contento.

No dia 15 de Dezembro poz-se elle a caminho para o Crato; mas durante todo o trajecto, em vez de faccinorosos ou desordeiros a quem combater, foi encontrando todas as localidades abandonadas, em condições de perfeita paz.

E' que todos elles, avisados com a necessaria antecedencia, temendo uma luta desigual e improficua com forças superiores e respeitaveis, tomaram o expediente de occultar-se convenientemente, aguardando melhor oportunidade para reaparecerem.

Frustrados assim tantos os esforços e despezas, Vasconcellos, que não era nenhum D. Quixote para descobrir inimigos em toda a parte, teve de voltar do Cariri sem dar um tiro nem effectuar uma prisão, chegando á Capital a 10 de Março do anno seguinte, sem poder dizer como Cesar—*veni, vidi, vinci*; porque com a sua retirada os facciosos, como era de esperar, reapareceram ainda mais animosos pelo logro estrondoso que acabavam de pregar á primeira autoridade da Provincia em pessoa.

O máu exito da empreza não deixou de trazer quebra de força moral á administração; mas o Presidente, para desfarçar a gravidade da situação da Provincia e a propria, procurou dar-lhe côres diversas, que aliás não podiam attenuar a crise progressiva do mal.

Em officio n.º 8 de 2 de Maio escreve elle ao ministro do Imperio Antonio Pinto Chichorro da Gama:

«Continúa a gosar esta Provincia de socego, sendo todas as partes do interior recebidas contestes neste sentido, á excepção de alguns assassinios que o antigo costume tem alli perpetuado, sempre em vendictas particulares

e protecções de potentados agora mais atrevidos pelo favor de um Código Criminal na realidade impróprio e inexecutável em logares tão ermos e executado por juizes, que lhes faltando os conhecimentos precisos para saber-o bem interpretar, cahem em mil conflictos e abusos, sempre em favor do crime e dos criminosos.

«A presença de juizes de direitos letrados, integros e intelligentes nas comarcas, é de summa necessidade para bem industriar os cidadãos e pôr termo a introduzidos abusos de rabelas velhacos, que por pequenos interesses de dia em dia atração a boa fé dos juizes, que a elles consultão; pelo que tenho de supplicar a V. Ex.^a o promovimento de uma tal providencia do Governo como a mais util e indispensavel ao socego e ao bem estar destes povos, na maior parte doces e pacificos, só turbulentos na comarca do Cariri pela sua crassa ignorancia, de que tem sempre abusado malvados seduc'ores para pôr em scena a anarchia, que favorece os seus planos, de que hoje já mais advertidos estão melhorados.»

Vasconcellos estava em posição muito falsa, porque não tinha a seu lado nem a verdade nem a razão.

Si era certo que a Provincia precisava, como medida indeclinavel, de juizes formados, intelligentes e bem intencionados, em substituição de leigos ignorantes e apaixonados, como havel-os para um meio inteiramente anormal e inculto, em que o proprio administrador era o primeiro a tornar odiosa a melhor garantia de ordem e tranquillidade publicas—o Código Criminal, ha pouco promulgado e citado na culta Europa, com louvores dos mais competentes? (1)

Antes de vera expôr com fidelidade ao Governo as pessimas condições da Provincia, taes e quaes as encontrára pouco depois seu successor senador Alencar, como verá o leitor em logar opportuno.

(1) Vide, por exemple, Faustine Helie, *Theorie du Code Penal*, Tom. I., Cap. 16 n. 954

III

A sua desagradavel correspondencia com o Bispo de Olinda, á cuja jurisdicção pertencia então esta Provincia, relativa ao provimento de freguezias, dá tambem a conhecer outro lado difficil da sua administração.

Transcrevo-a integralmente para não deminuir-lhe a importancia :

—« Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr.—Foi presente ao Conselho do Governo em sessão extraordinaria de 11 do corrente o officio, que V. Ex.^a R.^{ma} dirigio-lhe em 17 de Março sem assignatura, fazendo a remessa dos autos do concurso dos quatro clerigos, que fizeram opposição e forão por V. Ex.^a habilitados para as freguezias vagas desta Provincia; e resolvendo o mesmo Conselho pela validade do dito officio de V. Ex.^a R.^{ma}, não obstante o engano da falta de assignatura, por isso que se achava supprida pelas respectivas attestações, processos e provimentos por V. Ex.^a R.^{ma} passados, entrou por conseguinte em deliberação a escolha da apresentação em conformidade do art. 18 da Lei de 14 de Junho de 1831, deliberou o mesmo que fosse pedida á V. Ex.^a R.^{ma} a 2.^a via do precitado officio para ficar archivado.

« Tendo de participar a V. E.^{ma} R.^{ma} o accordo e deliberação tomada, não me posso despensar de scientifical-o da surpresa causada pela apresentação, que V. Ex.^a R.^{ma} fez de alguns candidatos em certas e determinadas freguezias; porque, constando dos respectivos requerimentos e autos processados, que alguns destes oppositores requererão outras freguezias vagas desta Provincia, postas por V. Ex.^a R.^{ma} a concurso pelo seu Edital de 20 de Dezembro do anno passado, salta á vista que não podiam ser singularmente habilitados sem manifesto quebramento da lei com prejuizo das regalias e attribuições deste Governo, a quem V. Ex.^a R.^{ma} por um tal procedimento, coarctando a faculdade, que lhe competia por lei, de os apresentar como mais conveniente entendesse, circumstancia que obrigou a este Governo, reassumindo sua autoridade, de apresentar o P.^o Antonio

Pinto de Mendonça na freguezia de Quixeramobim, para que foi por V. Ex.^a R.^{ma} proposto em 2.^o lugar, o P.^e Domingos Carlos de Saboia para o Gascavel, o P.^e Manoel Thomaz Rodrigues Campello para Canindé, e o P.^o Fructuoso Dias Ribeiro para S. João do Principe, para que tambem tinha feito opposição e estava nas circumstancias da lei ; ficando ainda vaga a freguezia desta Cidade, para que V. Ex.^a R.^{ma} a torne a pôr em concurso.

« Deus Guarde a V. Ex.^a R.^{ma} Palacio do Governo do Ceará, 28 de Abril de 1834—R.^{ma} e Ex.^{m.o} Sr. D. João da Purificação Marques Perdigão, Bispo de Pernambuco. Ignacio Corrêa de Vasconcellos».

— « Ex.^{m.o} e R.^{m.o} Sr.—Quando o Conselho do Governo em sessão ordinaria do 1.^o deste mez recebeo o officio de V. Ex.^a R.^{ma} de 24 de Maio, em resposta ao que dirigio V. Ex.^a R.^{ma} em 28 de Abril do corrente anno, confesso a V. Ex.^a R.^{ma} que foi sorprendida toda a sua expectativa, sangrando-se-lhe o coração de dôr, por ver que, devendo V. Ex.^a R.^{ma} ser o typo da justiça e da prudencia, que é um dos primeiros preceitos da moral religiosa, resistio a este conselho do Evangelho em materia, cuja disposição, em virtude de lei, é sem contradicção de sua attribuição e regalia.

« Diz V. Exc. Revdm.^a em seu officio que não podia ser posta em novo concurso esta freguezia da Fortaleza, Capital da Provincia, emquanto a este não podesse concorrer o Revd. Antonio Pinto de Mendonça, em consequencia de uma Portaria, que para este fim lhe foi dirigida pela Secretaria de Estado respectiva, e sobre o que permitta-me V. Exc. Revdm.^a responder.

« A Portaria em questão, em que V. Exc. Revdm.^a firma o seu obrar, jamais pode paralisar a deliberação deste Conselho do Governo ; porque é devidamente firmada em lei positiva, motivo por que V. Exc. Revdm.^a não podia deixar de dar execução á sua deliberação, pondo logo a concurso a dita Igreja, e dando pela mesma Secretaria de Estado parte ao dito Ministro, que só com este passo quiz privar a injustiça e o prejuizo de terceiro, e por isso sem duvida convencido da imparcialidade e inteireza com

que tínhamos procedido em boa parte esta deliberação do Conselho do Governo, á cuja attribuição estão affectos estes negocios peculiares da Provincia pelo art. 18 da Lei de 14 de Junho de 1831.

« Sustenta V. Exc. Revdm.^a que ao Revd. Fructuoso Dias Ribeiro, apresentado por este Conselho do Governo na Igreja de S. João do Principe, jamais lhe conferirá a instituição canonica, por não ter sido proposto por V. Exc.^a Revdm.^a para aquella Igreja, como determina a Lei de 22 de Setembro de 1828 e a já acima citada de 14 de Junho.

« As Leis, Exm. Sr., indigitadas por V. Exc.^a Revdm.^a, quando exigirão essas formalidades, foi meramente para que se procedesse os exames em concursos e as habilitações do estylo a respeito dos candidatos, tocando a V. Ex.^a Rm.^a attestar sobre suas conductas e prestimos.

« Tudo isto, que V. Ex.^a Rm.^a substancialmente praticou em abono do Revd. Fructuoso Dias Ribeiro, era quanto bastava para o Conselho do Governo apresental-o, como apresentado tem, na Igreja de João do Principe, e á V. Ex.^a Rd^m.^a nada mais incumbe que colher e confirmar os clerigos, que assim habilitados o Conselho do Governo apresentar. Leia V. Ex.^a Rvd^{ma}. o § 22 do Liv. 3.^o, n.^o 518, das Constituições Primarias, acceitas no Senado Diocesano e celebradas em 12 de Junho de 1807, que está em vigor neste Bispado, e ficará convencido.

« Se V. Ex.^a Rm.^a não propoz o Revd. Fructuoso Dias Ribeiro no 1.^o, 2.^o ou 3.^o lugar para a Igreja de S. João do Principe, tendo aliás elle assignado em 3.^o lugar, foi por um acto arbitrario da vontade de V. Ex.^a Rm.^a; da mesma maneira porque o propoz em 3.^o lugar para a do Piancó, da Provincia da Parahyba do Norte, tendo elle assignado esta em 3.^o e ultimo lugar.

« Não posso deixar nesta occasião de convidar a attenção de V. Ex.^a Rm.^a a meditar um pouco sobre a saliente contradicção, que apparece no seu proprio officio, restituindo assim justiceiro o bom conceito, que lhe deve merecer este Conselho do Governo, a quem V.

Ex.^a R^{ma}. estigmatizou de injusto e exorbitador. Reflecta V. Ex.^a R^{ma}. sobre a sua mesma proposta e habilitações, e verá (torna a repetir) que está em manifesta contradicção com os proprios principios com que pretende autorisar a negativa.

« Se o Revd. Fructuoso Dias Ribeiro não podia, como affirma V. Ex.^a R^{ma}. na parte ultima do precitado officio, ser por V. Ex.^a R^{ma}. proposto nas demais freguezias desta Provincia, para que tambem tinha assignado e feito opposição, pelo especioso pretexto de não concorrer nellas outro oppositor, como conscienciosamente poudes V. Ex.^a R^{ma}. em identidade de circumstancias, esquecer-se deste principio para habilitar aos Rvd^s. Antonio Pinto de Mendonça para esta Cidade, Domingos Carlos de Saboia para a do Cascavel e Manoel Thomaz Rodrigues Campello para a de Canindé ?

« De igual natureza e não menos contradicção é a segunda asserção do precitado officio. As leis já citadas dão somente á V. Ex.^a R^{ma}. arbitrio na concurrencia de muitos oppositores á uma só freguezia, permittindo-lhe então a escolha de tres ; mas o caso presente tem mudado de questão e de regra ; porque erão só quatro os oppositores a quinze freguezias ; vindo, portanto, a ficar a pretenção destes sujeita á escolha deste Governo em Conselho, e não a V. Ex.^a R^{ma}. a quem pela rasão demonstrada só tocava as habilitações do estylo.

« Não é da intenção deste Governo em Conselho magoar o coração de V. Ex.^a R^{ma}. ; mas, sendo-lhe forçoso justificar os actos de sua administração, forçoso se torna a precisão de reclamar um momento de attenção na seguinte pergunta : — Qual foi em verdade o arbitrio que V. Ex.^a R^{ma}. lhe deixou em a dita sua proposta para que a lei se executasse ? Na realidade nenhum ; porque até para em tudo o forçar a vontade de V. Ex.^a R^{ma}. propoz systematicamente o Rvd. Fructuoso Dias Ribeiro em freguezia de outra Provincia com preterição de muitas outras desta, para lhe coartar todo o arbitrio, o que tanto é evidente quanto de grande reparo.

« Longe está o Conselho do Governo de lembrar a V. Ex.^a Rm.^a o Cap. 13 da Epistola do Apostolo S. Paulo aos Romanos, e ainda muito mais longe está o mesmo Conselho do Governo de persuadir-se que V. Ex.^a Rm.^a antypathisa com os sentimentos dos Athanasios e dos Eusebios, esses santos Prelados, que apesar das ordens tyrannicas de Constantino e de Juliano, professarão e insinuarão a obediencia como a mais sublime virtude christã.

« Certo destes louvaveis principios, e reconhecendo o Conselho do Governo ser V. Ex.^a Rm.^a um Prelado de virtudes litterarias, não exhita em persuadir-se de que V. Ex.^a Rm.^a reconhecerà a autoridade deste Governo em Conselho, e a justiça com que procede neste negocio, cujo objecto se encaminha ao bem geral dos povos, seus subordinados, cumprindo-se em tudo a lei sem quebra de reciprocas regalias.

« Pondo V. Ex.^a Rm.^a em concurso a Igreja da Fortaleza, collando e confirmando na Igreja de S. João do Principe o Rvd. Fructuoso Dias Ribeiro, como apresentado está, ensina assim aos povos desta Provincia e ao de todo este vasto Bispado o quanto V. Ex.^a Rm.^a sabe respeitar as leis e deliberações legaes do Presidente em Conselho, que assim o espera de S. Ex.^a Rm.^a.» (15 de Agosto)

Com este insolito officio, tão recheado de picante ironia quanto de descabida immodestia, com rasão o Bispo cortou suas relações officiaes com o Presidente; e isto mesmo se collige deste officio de Vasconcellos ao ministro da Justiça Aureliano, sob n.º 10 de 5 de Outubro:

« Mandando-me V. Ex.^a, de ordem da Regencia em Nome do Imperador, em Aviso de 29 de Julho proximo passado, que informe o requerimento do P.^e Antonio Pinto de Mendonça, desta cidade, em que pede fique sem effeito o Aviso de 24 de Abril do mesmo anno, pelo qual foi a Regencia servida mandar o concurso da dita Igreja, a que elle havia feito opposição, por julgar ter direito a ser apresentado nella, taxando de pouco verdadeiro o requerimento do P.^e Carlos Augusto Peixoto de Alencar, em consequencia do qual fóra nullo, e elle se inculca preterido: devo em observancia á tal determinação informar precisamente sobre o obe-

jecto do tal requerimento, confrontando com as suas allegações o estado actual da questão e factos subsequentemente occorridos, para que por ella possa a mesma Regencia decidir como de justiça entender. Com os documentos juntos, em que tenho apresentado o desenvolvimento e resultado destes negocio, darei a conhecer a V. Ex.^a o conflicto em que está este Governo em Conselho com o Bispo D. João da Purificação, cumprindo só demais accrescentar que este até o presente não tem systematicamente respondido ao ultimo meu officio de 15 de Agosto, tendo aliás d'ali chegado neste ultimos dias varias embarcações, cuja falta não lhe pode ser attribuida de boa fé.

« Entrando agora na analyse do requerimento do supplicante, com os seus proprios documentos notareei de passagem, que tendo o dito P.^e Carlos feito sua apresentação, como confessa o mesmo Prelado em sua informação, dentro do prazo de 60 dias do Edital, não podia, sem injustiça, ser por elle excluido do concurso, maxime quando este tinha de ser espaçado por mais seis dias, que decorrerão de 18 a 25 de Fevereiro, em cujo prazo bem podia ser habilitado, tendo a seu favor a incontestavel presumpção de nenhum impedimento, por se achar elle provido e já de posse da pretendida freguezia, não sendo menos attendiveis outras considerações inherentes, quaes sejam as faltas e incertezas de paquete, que em tempo o transportasse para se ir oppór; o que deveria muito pezar na recta consciencia de um Prelado se prevenido não estivesse.

« Que o Bispo D. João da Purificação tem mostrado em todo este negocio uma protecção escandalosa, agora inda mais me convenço com a leitura do se proprio officio de 14 de Julho dirigido á Regencia, perante a qual tinha toda obrigação de ser exacto na informação, que ali dá, não deixando em silencio, como deixou, a circumstancia essencial da questão, que só pela protecção fez omittir; porque, achando-se já legalmente o supplicante apresentado por este Governo na Igreja de S. Antonio de Quixeramobim, que assignou, e em que foi proposto pelo dito Prelado em 2.^o lugar, forçosa razão tinha de este não deixar em silencio esta circumstancia, que conhecida da Regencia, terminaria im-

mediatamente a questão, por se achar o supplicante de facto e de direito provido em Quixeramobim, e a Igreja desta Capital vaga sem mais necessidade de espaçar o novo concurso, a que pela razão dita não tinha direito o supplicante, que tambem disso já sabia quando fez o presente requerimento; pois neste apparecem documentos d'aquella deliberação, que foram a este Governo em Conselho apresentado.

« Concordo porem em não serem as assignaturas dos ultimos documentos extorquidas e sim pedidas a cidadãos respeitaveis, que não só as prestaram ao supplicante como tambem ao P.^o Carlos, por julgar ambos dignos; o que me consta pela confissão franca dos mesmos».

Esse incidente, de simples que era, por mal encaminhado, tornou-se odioso, vindo porem a ter desenlace favoravel na immediata administração do senador Alencar, devido somente á prudencia e moderação do outro presidente, pois que, como muito bem disse o Marquez de Pombal, o modo pode mais do que o poder.

IV

Apezar de curto, não foi o governo de Vasconcellos retrogrado ou atrasado, como as circumstancias e o tempo talvez o permittissem.

Foi na sua administração que se aventou a idéa da illumination da Capital, como se vê do seu officio sob n.^o 5 de 9 de Abril ao ministro do imperio Chichorro da Gama:

« Sendo pela experiencia demonstrado que da escuridão da noite se valem os malvados para perpetrarem crimes, de cujo castigo muitas vezes se evadem por falta de conhecimento da possoa do delinquente, é por esse motivo inquestionavel o direito que esta Capital tem a illumination, reclamada pela proposta do seu Conselho de Provincia de 25 de Janeiro passado em todas as principaes ruas e travessas a estas correspondentes, para o que seguramente se necessitão de cem lampeões; o que eu supplico a V. Ex.^a haja de promover essa concessão da Augusta Assembléa Legislativa, protegendo assim a justiça da causa dos habitantes desta cidade, que no Governo firmão toda a sua esperanza.»

A idéa fructificou na seguinte administração, mas sem duvida foi na sua que pela primeira vez foi aventada.

V

Depois de quasi um anno de governo passou as redeas da administração ao senador José Martiniano de Alencar a 6 de Outubro de 1834; mas só partiu para a Côrte a 19, como se vê da seguinte Portaria e officio do seu successor :

—« O Sr. Commandante do Paquete Nacional *Patagonia* receba a seu bordo e conduza para o porto de Pernambuco o Ex^{m.}º Sr. Tenente-Coronel Ignacio Corrêa de Vasconcellos, que tendo acabado de presidir esta Provincia, regressa para a Côrte do Imperio. Assim o cumpra. Palacio do Governo do Ceará, 16 de Outubro de 1834. Alencar. »

—« Fico inteirado do quanto Vmc.^º me pondera no seu officio desta data acerca do transporte do Ex^{m.}º Sr. Ignacio Corrêa de Vasconcellos, restando só que Vmc. receba e conduza a seu bordo as pessoas de sua familia (1) com a competente bagagem.

« Quanto porem á sahida desse paquete convenio, que recebendo Vmc. as malas no correio amanhã pelas 9 horas da noute, se faça de vela no dia 19 do corrente pela manhã para os portos do seu destino.

« Palacio do Governo do Ceará, 17 de Outubro de 1834—J. M. de Alencar ».

Na Bahia exerceu o logar de director do Arsenal de Guerra até que, dez annos depois, em 1844, voltou ao Ceará, para administrá-lo pela 2.^a vez.

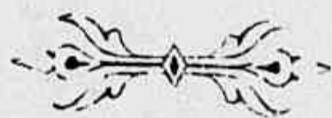
Esse intervallo todavia não lhe foi de paz; porque ainda teve de responder perante o Supremo Tribunal de Justiça a processo de responsabilidade por acto seu nesta Provincia. Assim consta do officio do juiz de direito desta Capital Dr. João Paulo de Miranda de 7 de Janeiro de 1836 a Alencar :

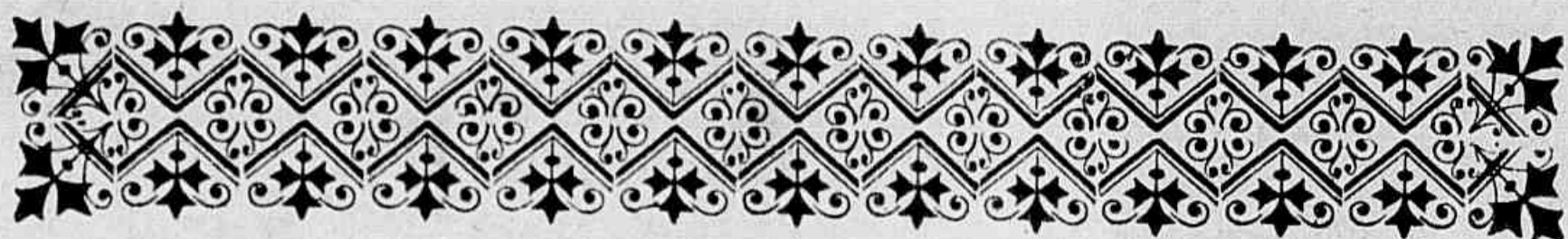
(1) Entretanto Vasconcellos era solteiro e sem familia.

Deixou um filho bastardo com o seu nome, o qual falleceu na Viçosa ha muitos annos.

« Para se poder organizar o processo de responsabilidade do ex-Presidente Ignacio Correa de Vasconcellos, que me foi ordenado em Portaria do Ex^{m.}º Presidente do Supremo Tribunal de Justiça de 9 de Outubro do passado, é necessario que V. Ex.^a me faça enviar por certidão do Secretario do Governo as integras das sessões do extincto Conselho Presidencial, em que se ventillou e deliberou o punçar-se a moeda de cobre, nas partes a ellas relativas, e quaes os membros que firmaram dita deliberação.»

A certidão foi remettida por officio de 13 de Fevereiro, e o processo julgado sem effeito por falta de base juridica.





PARA A HISTORIA DA LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS NO CEARÁ

RELATÓRIO (*)

*Ou Synopse Historica da inauguração
da sociedade «Cearense Libertadora»
por Antonio Martins, secretario
da sociedade «Perseverança e Porvir»*

SRS. DIRECTORES DA SOCIEDADE *Cearense Libertadora*

Realisou-se no dia 8 do corrente no salão de honra da Assembléa Provincial com vossa presença e testemunho a sessão inaugural da sociedade popular «Cearense Libertadora» promovida sob os auspícios da nossa pequena e obscura sociedade economica, «Perseverança e Porvir» cujo acto começou ao meio dia em ponto e terminou as trez horas da tarde. Assim ficou plena e honrosamente saptisfeita a «Perseverança e Porvir» levando ao cabo a sua mais querida ambição, o seu pensamento nascido em 5 de Outubro de 1879, a fundação da grande sociedade abolicionista «Cearense Libertadora».

Estão pois saptisfeitas as nossas justas e sinceras aspirações.

A festa popular da inauguração da sociedade «Cearense Libertadora» foi um facto brilhante para a historia do Ceará.

(*) Publicado no *Libertador*, organ da Sociedade *Cearense Libertadora*, n.ºs 1 e 2, 1.º anno (1881).

O dia 8 de Dezembro de 1880 assignala uma data de ouro para o kalendario da ideia abolicionista.

As 11 horas do dia quando estavamos promptos a encetar os trabalhos, veio ás nossas mãos uma nota do Ex.^{mo} Sr. conselheiro André Augusto de Padua Fleury, honrado presidente da Provincia, annunciando-nos aquella mesma hora uma audiencia que no dia anterior lhe haviamos pedido, por não ter sido possivel, em consequencia dos factos eleitoraes do momento que tanto careciam da attenção de S. Exc. fazer-lhe o divido convite official.

Fomos immediatamente a palacio e alli recebidos por S. Exc. que prestou-nos toda attenção significando-nos sua sympathia á nossa causa e offerecendo-lhe seus serviços no que estivesse no seu alcance, descorrendo com sabedoria e profusão sobre tão elevado assumpto, observou-nos que era mister prestar toda a attenção para o ponto moral da ideia a protecção e educação dos libertos especialmente aos infantes e as mulheres, e que estas deviam ser muito mais cuidadas como pontos preliminares da educação da familia.

Dissemos lhes que tinhamos emittido essa mesma opinião no nosso projecto de estatutos, e que era de esperar todo cuidado na execução d'ella.

S. Exc. fez-nos ainda algumas considerações lembrando-nos o methodo adoptado na Inglaterra por pequenas associações na criação de pequeninos estabelecimentos de instrucção litteraria ou professional tãobem e sabiamente organisados que a philantropia de outros os vão progressivamente alargando a produzir resultados vantajosos para a sociedade. Que tinha boas esperanças de que fosse o Ceará a primeira provincia emancipada e que muito era de esperar da associação «Cearense Libertadora».

Finalmente expoz-nos os motivos, que o inhibiam de assistir e abrir a nossa sessão, motivos que reconhecemos justos.

As 11 ¹/₂ chegamos a Assembléa, onde já um crescido

numero de senhoras e cavalheiros ornava o bello e esplendido salão das discussões ; ainda porém lá estavam chegando convidados e era esperada a distincta corporação representante dos «Cavalheiros do Prazer» e, chegada esta, começaram-se os trabalhos justamente ao meio dia.

Lidos os discursos do nosso Presidente, Sr. José Correia do Amaral, e o projecto de Estatutos, tomei a palavra, mas encommoado como estava, muito mal desempenhei a leitura do singello discurso que offereci aos socios da «Cearense Libertadora», impresso, como do exemplar anexo sob n.º 1.

Ao terminar o meu discurso deu-se carta de liberdade ao escravo Ricardo, em nome de sua S.ª a Exm.ª Sr.ª D. Maria Correia do Amaral, mãe do nosso digno Presidente, que nos quiz assim significar a sua profunda adhesão á nossa causa.

O illustrado Sr. Dr. Gonçalo de Almeida Souto tomou a palavra e pronunciou um bello discurso ; do seu estyllo elegante, porém, destacou-se a sua doutrina particular declarando-se catholico de crença firme e abolicionista calmo, espectador dos feitos beneficos da lei de 28 de Setembro de 1871, abolicionista que respeita a propriedade, reconhecida embora a infame procedencia d'ella. SS. sauda a sociedade «Cearense Libertadora», auguralhe os merecidos resultados, e termina bradando-lhe—Avante !

Sucedeu-lhe na tribuna o illustre secretario da «Beneficente Portugueza 2 de Fevereiro» que, representando a sua benemerita associação traz-nos d'ella a sincera adhesão que tributamos a todos os acontecimentos em que a liberdade ao sól benefico de todas as sociedades, de todas as nações irradia-se nos horisontes aonde se assignalão o Progresso e a civilisação ; o orador retira-se da tribuna ao som de palmas.

Seguiu-se uma produção poetica do Sr. João Baptista Perdigão de Oliveira, distincto representante da sociedade anonyma «Democracia e Exterminio» que analogo ao acto e cheia de primorosas figuras, foi acolhida com merecidas palmas.

O Sr. Antonio Papi Junior, que segundou ao Sr. Perdigão, elevou-se ainda nas inspirações da sua musa arrebatada e meiga, em bellos versos que lhe recommendão a sua firmada reputação de poeta.

Tomou em seguida a tribuna o sympathico e illustrado Dr. Frederico Borges, digno 1.º secretario da sociedade «Libertadora».

O jovem tribuno, tão sympathizado já nos comicios populares, mereceu signaes de attenção e respeito do pomposo auditorio.

Seu discurso foi todo cheio de enthusiasmo, e patriotismo. Cada phrase que proferia era uma lamina de fogo que cortante e valente anniquilava os ultimos reductos dos escravistas.

Muitos applausos, muitos bravos lhe entremeavam a palavra.

Elevando-se n'uma peroração fascinante S. S. anathematisou a propriedade do captiveiro e a esse Gabinete liberal, que protege os apóstolos da escravidão, S. S. lastima; condemna o procedimento ingrato d'aquelles que tão mal virão apagar-se o astro luminoso da patria, o immortal progenitor da lei de 28 de Setembro de 1871, o illustre Visconde do Rio Branco, que nas ultimas palavras pedia-lhes ainda «não perturbeis a lei do elemento servil» e proseguindo ainda em brilhantes phrases terminou por entre uma salva de palmas, que juntou aos louros já colhidos na tribuna.

Forão seus successores na tribuna os talentosos estudantes Raimundo Brito e Francisco Dias Martins, lendo aquelle um ardente discurso e este uma mimosa poesia.

Subio á tribuna então o illustrado padre Dr. João Augusto da Frota digno Director da Instrução publica. (profundo respeito e sensação no auditorio) S. Rvd. declara que vem á tribuna obrigado pelas suas ideias: inesperadamente para si, convidam-no a fazer-se orador, e sem ao menos ter pensado no que deveria dizer arriscava-se, por amor da ideia santa da liberdade, a proferir palavras desalinhas, mas o fazia inspirado pelo coração; S. Rvd. em phrases eloquentes e repassadas de generoso enthusi-

asmo declara-se abolicionista ultra (*bravos e palmas phreneticas*), soldado das avançadas abolicionistas não admite demora na emancipação... (*explosão de palmas e bravos: o orador é forçado a interromper-se*)... que, quanto mais breve for executada a emancipação, tanto mais rápida ha de ser a aquisição de seus cidadãos violentados ao ostracismo, que sendo abolicionista sincero e convicto, não é retardatario, não (*applausos, bravos e palmas*); saúda portanto a ideia da emancipação, vê n'ella um grande bem para o paiz e para a humanidade e nada tendo de si que possa engrandecer a sociedade «Libertadora», nada podendo que dispôr, sinão da sua cabeça que pensa e do seu coração que sente, põe-nos á disposição da ideia, offerece sinceramente os seus serviços.

O orador é phreneticamente applaudido.

A Directoria da sociedade «Perserverança e Porvir» saúda-o de pé.

Por entre palmas surgiu na tribuna o sympathico Dr. G. Studart como representante do «Gabinete Cearense de Leitura».

De estylo dourado de todas essas filagranas poeticas de que o Illustrado e jovem medico sabe revistir as suas producções litterarias, devia, como o foi, seu discurso ser uma prece, uma supplica ao coração sensível da mulher.

O illustre orador primou pela escolha d'esse objecto amado como meio legitimo de realisar um formidavel contingente á crusada abolicionista.

De forma sublimes surgião da sua prosa brilhante notas dulcissimas e que, entremeiadas de uma mimosa carta de C. Alves em perfeita analogia com o seu discurso, fel'o colher merecidas palmas, entusiasticos bravos.

Como representante da distincta sociedade «Cavalheiros do Prazer» surgio na tribuna o nosso laureado poeta Antonio Bezerra de Menezes, 2.º secretario da sociedade «Cearense Libertadora», que na eloquencia de seus versos tropicaes arrebatou n'um lampejo de entusiasmo o au-

ditorio, colhendo mais uma vez grinaldas de palmas, que fazem *jus* ao seu talento.

Sucedeu-lhe o Sr. Domingos Rodrigues da Silva que como representante da illustre sociedade «Fraternidade e Trabalho» leu um discurso em que demonstrava a adhesão da sua associação á «Libertadora» e, em phrase concisa e simples, mas rica de patriotismo demonstrou a necessidade da emancipação, e concluindo saudou a sociedade «Perseverança e Porvir» pelo seu bello pensamento, retirando-se coberto de applausos.

Estava terminado o numero de oradores inscriptos quando o illustrissimo Sr. Tenente Felipe de Araujo Sampaio pediu a palavra como Presidente da sociedade «Artistica Beneficente Conservadora» e seu verbo eloquente, que he ditava o entusiasmo, resumio a sua adhesão a sociedade «Cearense Libertadora» dando carta de liberdade a sua escrava Joanna de 25 annos de idade, que, sabe lêr e escrever; sendo lida a carta pelo nosso confrade Sr. Luiz Xavier da Silva Castro, que em seguida leu a carta de liberdade da escrava Philomena de 23 annos com 3 filhos ingenuos, libertada pelos membros da «Perseverança e Porvir».

Com verdadeiro phrenezi e tocante entusiasmo a assembléa fez-se uma verdadeira explosão de palmas e bravos e mil applausos.

O illustre Dr. Picanço offereceu em adhesão a causa da emancipação o producto do beneficio da recita da opereta «Maria Angôt na Munguba» de que é author, e lhe foi offerecido pelo empresario do Theatro S. José. e cujo producto deverá ser applicado á libertação de um escravo.

O Sr. Pedro Hipolito Girard, cidadão francez, offereceu o producto da venda de uma noite no seu kiosque-botiquim do Passeio Publico, admittindo a escolha do dia no mez de Janeiro proximo e promovendo uma festa de accordo entre si e a directoria da «Libertadora».

O distincto veneravel da Loja Maçonica «Fraternidade Cearense» offereceu a quantia de 50\$000 mil réis produzido pelo tronco beneficente d'aquella loja em beneficio da sociedade «Cearense Libertadora».

O illustre Sr. Cesar de la Camp, digno Consul d'Allemanha, offereceu a quantia de 20\$000 mil réis que punha a disposição da sociedade «Libertadora» em beneficio da liberdade dos escravos.

Estava concluida a sessão, quando o nosso Presidente tomando a palavra apresentou á illustre assembléa os nomes, que escolhera a sociedade «Perseverança e Porvir» para formar a directoria provisoria de sociedade «Cearense Libertadora»; sendo:

Presidente, o cidadão João Cordeiro, Vice-presidente o cidadão José Correia do Amaral, 1.º secretario Dr. Frederico A. Borges, 2.º secretario cidadão Antonio Beserra de Menezes, advogados—Dr. Manuel A. da S. T. Portugal, e capitão Justino Francisco Xavier, thesoureiro capitão João Chrisostomo da Silva Jatahy, procuradores cidadãos José Caetano da Costa, João Carlos da Silva Jatahy, João Baptista Perdigão de Oliveira e Eugenio Marçal.

Applaudida a escolha pela assembléa, tomou a palavra o Sr. J. J. T. Matrocos, que significando a sua adhesão á escolha feita e que era ella muito bem inspirada tanto mais quanto era o Presidente o Illm. Sr. João Cordeiro extremado democrata e que mais de uma vez tem mostrado a sua adhesão á soberania do povo e seu pensamento pela causa da liberdade.

Todos os discursos eram terminados no meio de applausos geraes, unidos ás harmonias das bandas militares da policia e do 15 batalhão, que tocavam no salão proximo.

Encerrada a sessão ás 3 horas da tarde, começou a inscripção de socios que elevou-se ao numero de 227, não se elevando a mais, porque a sessão durou 3 horas e já se tinham retirado muitas pessoas.

Corre-nos o grato dever de pedir-vos um voto de agradecimento aos distinctos cidadãos João Lopes Ferreira Filho, digno secretario d'Assembléa Plovincial, que com grande satisfação nos cedeu os salões do palaeete d'Assembléa Provincial para a sessão, e outro tanto aos Ill.ºs Srs Tenentes coroneis commandantes do 15.º batalhão e do corpo de policia concedendo-nos de bom grado as

bandas de musica que tanto brilhantismo deram ao acto. Em toda a sessão reinou muita ordem e nem uma vós se ergueu que não fosse para applaudir.

Assim ficou inaugurada a grande empresa abolicionista, de que patrioticamente acceitastes a direcção provisoria e que na minha opinião deveis ser os effectivos e esforçados directores até encaminhal'a no verdadeiro e luminoso caminho da realisação do seu sublime desideratum. Possaes colher as corôas que merecem os dedicados cidadãos da santa causa da emancipação do paiz, e que não longe esteja a aurora da liberdade em que o sol da nossa terra vos banhe as fronte de luz, e das benções da provincia que em prantos de gratidão vos beije os musculos esforçados com que quebrastes as algemas torpes do captivo de nossos irmãos.

N'esse bello dia, que não vem longe, peço-vos que não esqueçaes o vosso humilde adepto e sincero amigo

Antonio Martins.





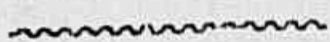
DOCUMENTOS

relativos aos hospitaes de Jacarecanga e Lagoa-funda e paiol de
polvora do Croatã

(Copias offerecidas por Joaquim Fabricio de Barros)

Tendo-se unanimemente deferido por Termo desta Junta de 8 de Junho de 1814, por occasião do epidemico contagio das bexigas que então grassava nesta villa, que todos os pobres atacados do dito contagio fossem assestidos pelo Hospital que para esse fim se erigio no sitio denominado Jacarecanga; e tendo-se agora de novo propagado o referido contagio por toda esta villa e seus arredores, constando na mesma Junta que algumas pessoas têm fallecido ao desamparo por falta de meios para o necessario tratamento, chegando até a encontrarem-se alguns corpos mortos do mesmo contagio lançados no matto; sendo discutido este ponto em sessão da Junta da Real Fazenda desta capitania de 18 de Novembro do corrente anno de 1818, estando presentes o Illm.^o Governador Manoel Ignacio de Sampaio, Presidente da mesma Junta e mais vogaes abaixo assignados; tratando-se de occorrer quanto fosse possivel do progresso de tão terrivel mal, e passando-se a deliberar, se assentou unanimemente em ratificar o referido Termo de 8 de Junho de 1814 na parte que se determina a recepção dos pobres, mandando agora de novo receber no sobredito Hospital da Jacarecanga todos os pobres de um e outro sexo que se reconhecer não tem meios para se poderem tratar; para

o que se passassem as ordens necessarias. E para constar se lavrou o presente termo que assignou o mesmo Illm.^o Governador e mais corpo da Junta; e eu Marcos Antonio Bricio, o fiz, escrevi e assignei. Manoel Ignacio de Sampaio, Marcos Antonio Bricio, Luiz Antonio da Silva Vianna e Joaquim de Souza da Fonseca Prata.



Em sessão da Junta da Real Fazenda desta Capitania do Ceará de 29 de Abril do corrente anno de 1819, estando presentes o Illm.^o Governador Manoel Ignacio de Sampaio, Presidente da mesma Junta, e mais vogaes abaixo assignados, foi ponderado que tendo alguns negociantes desta villa dado principio ao commercio de mandarem vir escravatura da costa de Leste directamente para esta villa, se fazia portanto necessario cuidar com antecipação em mandar levantar um armazem a beira mar do sitio denominado Jacarecanga, o qual sirva de Lazareto para serem recolhidos os sobreditos escravos, no caso de necessidade á maneira do que se pratica em todas as mais capitancias para o fim de se evitar a propagação de molestias que algumas vezes trazem os mesmos escravos. E sendo nesta mesma occasião igualmente ponderada a necessidade que tambem ha de uma casa edificada mais ao centro do mesmo sitio da Jacarecanga para servir de Hospital aos bexigosos, visto que a experiencia tem feito conhecer que em todos os annos se renova o dito contagio, evitando-se por este meio a despeza que annualmente se tem feito com casas de palhas para acomodação dos soldados atacados do dito mal.

Sendo discutidos estes pontos, passando-se a deliberar, se assentou unanimemente em mandar edificar tanto o sobredito armazem para servir de Lazareto como a casa para o Hospital, nos sitios acima mencionados, sendo uma e outra obra de tijolo e cal, cobertas de telha. E para constar se lavrou o presente termo que assignou o mesmo Illm.^o Presidente e mais corpo da Junta. Eu Marcos Antonio Bricio, o fiz, escrevi e assignei. Presidente Manoel Ignacio de Sampaio, Marcos Antonio Bri-

cio, Luiz Antonio da Silva Vianna, Joaquim de Souza da Fonseca Prata.

~~~~~

Illm.<sup>o</sup> Exm.<sup>o</sup> Sr. Passo a V. Exc.<sup>a</sup> o requerimento jntto do Coronel Francisco Xavier Torres, pedindo a S. M. Imperial a graça de mandar indemnizar da importancia por que foram avaliados os terrenos em que se acham edificadas e estabelecidas por ordem da Presidencia dessa Provincia os Lazaretos denominados Jacarecanga e Lagoa funda e o paiol ou deposito de polvora do Croatá, sem dependencia de mais formalidades e vias judicarias, visto ter sido desapropriado desses terrenos ; e em execução ao despacho de V. Exc.<sup>a</sup> de 2 do corrente, vou dar a informação determinada.

Por officio de 30 de Julho do anno proximo passado já declarei a V. Exc.<sup>a</sup> em vista da informação da primeira secção, que documenta o requerimento do Supp.<sup>o</sup>, que os referidos edificios foram construidos com fundos dos cofres geraes em virtude de autorisação do governo da Provincia, com excepção do paiol da polvora, cuja construcção foi autorizada pelo Ministerio da Guerra, por conta da verba—Obras ; e que a respeito do direito de propriedade do Supp.<sup>o</sup> e da indemnisação que pedia, conformando-me com o parecer do Procurador Fiscal, julgava que devia mostrar-se habilitado nojuizo competente.

Por esta occasião, pois, tenho apenas de me referir a essa informação tanto mais por não estar ainda provado que os terrenos em questão lhe pertencem, occorrendo que no caso affirmativo mesmo não sei se lhe assiste direito a indemnisação do em que se acha o lazareto da Jacarecanga, cuja posse tem o estado desde Julho de 1819, quando foi edificado, entretanto que o dominio do Supp.<sup>o</sup> data de 1840, segundo os documentos apresentados. Illm.<sup>o</sup> Exm.<sup>o</sup> Sr. Dr. João Silveira de Sousa, Presidente da Provincia. O Inspector José Francisco de Moura.

~~~~~

Illm.^o Exm.^o Sr. Devolvo a V. Exc.^a o requerimento incluso do Coronel Francisco Xavier Torres em que pede pagamento da quantia de oito contos de réis, por indem-

nisação dos terrenos em que estão edificados os lazaretos da Lagôa funda e Jacarecanga, e o paiol da polvora no Croatá.

Dando a minha informação, em execução ao despacho de V. Exc.^a de 6 de Junho ultimo, devo dizer em vista ao que informou a 1.^a secção, que esses edificios foram construidos com fundos dos cofres geraes em virtude de autorisação do governo da Provincia, com excepção do paiol da polvora para o qual houve credito pela verba—Obras Militares—, mas que nada consta a respeito do proprietario dos referidos terrenos.

Quanto ao pagamento, que pretende o Supp.^e de accordo com o voto do Fiscal dado em seu requerimento, entendo que deve liquidar primeiramente seu direito perante o juizo dos Feitos da Fazenda, visto como por outra qualquer maneira não pode ser attendido.

Deus Guarde a V. Exc.^a. Thesouraria de Fazenda do Ceará 30 de Julho de 1857. Illm. e Exm.^o Sr João Siilvera de Souza, Presidente desta Provincia. O Inspector José Francisco de Moura.

A secção, cumprindo o despacho da Thesouraria proferido a 9 do passado mez no requerimento do Coronel Francisco Xavier Torres, tem a informar somente que nas terras que o supp.^e diz pertencer-lhe, conhecidas pelos nomes de Jacarecanga, Croatá e Lagôa funda, proximas ao litoral e á N. E. da capital, se deu no primeiro lugar (Jacarecanga), pelo estado, em Julho de 1819, a edificação de um lazareto, que fica na distancia pouco mais ou menos de um quarto de legua da capital, e que então servio para nelle serem recolhidos os bexigosos.

Este lazareto, pelo correr do tempo, tendo sido abandonado, cahio em ruinas, que em 1849 foram reparadas, dando-se novas e maiores dimensões ao mesmo edificio, que em 1855 teve differentes reparos.

No segundo (Croatá) se deu a construcção do paiol da polvora que em 1854 teve principio sobre o morro do mesmo nome, nos suburbios da capital.

No terceiro finalmente, (Lagôa funda), a meia legua

mais ou menos de distancia da capital, teve logar em 1855 a edificação de outro lazareto, para servir de quarentena aos que desembarcassem de pontos affectados do cholera-morbus.

Não pode a secção saber a area ou superficie occupada pelos sobreditos edificios, porquanto, não existindo assentamento dos proprios nacionaes, não houve ainda logar para o tombo delles. 1.^a secção da Contadoria da Thesouraria de Fazenda do Ceará em 21 de Julho de 1857. O chefe de secção Manoel Nunes de Mello.

Aos trinta e um dias do mez de Outubro de mil oitocentos trinta e oito annos, presentes os Membros da Thesouraria da Provincia do Ceará, foi aberta a sessão. Lêo-se um officio do Exm.^o Presidente da Provincia approvando a arrematação do fornecimento de generos para luzes dos Quartéis, Corpos de Guardas, Fortalezas, Prisões e Enfermaria Militar, foi deliberado pelo Illm.^o Sr. Inspector interino, de conformidade com o voto da Meza, que se lavrasse termo de contracto para ser assignado pelo arrematante José Teixeira Pinto, e o fiador offerecido o Coronel José Antonio Machado. O Sr. Procurador Fiscal interino fez a a seguinte indicação.—Na acção intentada pelo Procurador Fiscal José Ferreira Lima Sucupira contra os proprietarios das terras Jacarecanga, Lagôa funda, Alagadiço Grande e Aningas para reconhecerem o dominio directo da Fazenda Publica sobre ditas terras, abrirem mão ao dominio que até o presente tem exercido sobre ellas, se proferio sentença contra a mesma Fazenda Publica, julgando-se nulla a acção e porque o recurso que ha é de Appellação, e esta deve ser interposta dentro de dez dias da intimação da sentença, e sou suspeito por ser genro de uma das partes interessadas, como proprietario das terras Jacarecanga e Lagôa funda, indico que se officie ao Promotor Publico para fazer as minhas vezes neste caso, visto que nos logares, villas e cidades em que não ha Procurador Fiscal aos Promotores compete fazer as vezes deste ; o que se pode applicar igual-

mente no caso de suspeição como o presente : foi deliberado pelo Illm.º Sr. Inspector interino que se levasse o objecto da presente indicação ao conhecimento do Exm.º Presidente da Provincia para nomear a pessoa que deve substituir ao Sr. Procurador Fiscal interino.

O mesmo Sr. Procurador Fiscal interino apresentou por escripto seu parecer a respeito do Officio do Inspector d'Alfandega desta cidade que pede esclarecimento para poder calcular os direitos que deve pagar a Lisalha de cobre principiada a despachar para a Europa pelos negociantes Mendes e Irmãos desta Praça ; e conformando-se a Meza com elle, foi deliberado pelo Illm.º Sr. Inspector interino se remetta por copia ao Inspector da Alfandega o mencionado parecer, afim de lhe servir de governo.

E por não haver mais a tratar fechou-se a sessão, mandando-se, para constar, lavrar a presente acta, que eu Joaquim Ferreira de Souza Jacarandá, Official Maior interino, que sirvo de Secretario a escrevi (Assignado) João Baptista de Castro e Silva, Luiz Vieira da Costa Delgado Perdigão e Manoel José de Albuquerque.



Aos cinco dias do mez de Novembro de mil oitocentos e trinta e oito, presentes os Membros da Thesouraria da Provincia do Ceará, foi aberta a sessão. Compareceu o Doutor Felipe Raulino de Souza Uchôa, nomeado pelo Exm.º Presidente da Provincia, Procurador Fiscal interino desta Thesouraria somente para requerer o que for abem da Fazenda em uma acção intentada por parte della, contra os proprietarios das terras Jacarecanga, Lagôa funda, Alagadiço Grande e Aningas, por ser suspeito nessa causa o Sr. Procurador Fiscal interino Manoel José d'Albuquerque, e em vista da respectiva nomeação foi deferido pelo Illm.º Sr. Inspector interino o juramento do estylo.

Despacharam-se os requerimentos de partes que constam do Livro da porta.

E por não haver mais a tratar fechou-se a sessão, man-

dando-se para constar lavrar a presente acta, que eu Joaquim Ferreira de Souza Jacarandá, Official Maior interino, que sirvo de secretario, a escrevi. (Assignado) João Baptista de Castro e Silva, Luiz Vieira da Costa Delgado Perdigão e Manoel José d'Albuquerque.

~~~~~

Cabe a secção expor como informação ao requerimento incluso que a S. M. dirige o Coronel Francisco Xavier Torres, que em consequencia da ordem da extincta Junta de Fazenda de 29 de Abril de 1819 se deu principio em 26 de Julho do mesmo anno a edificação de um Lazareto no lugar chamado Jacarecanga, suburbio desta capital, obra essa que ficou concluida em 27 de Maio de 1820.

O terreno occupado por aquelle edificio e por uma casinha, que lhe fica a pequena distancia, tem 108 1/4 palmos de frente e 50 3/4 ditos de fundo. No lugar chamado Lagôa funda se deu principio em 10 de Novembro de 1855, em virtude de ordem da Presidencia de 5 do dito mez, a edificação de um outro lazareto, tendo ficado concluida tal obra em 7 de Maio de 1856.

Este edificio com um muro que tem pelo lado do fundo occupa o espaço de 112 1/2 palmos de frente e 142 ditos de fundo. Todas estas particularidades a secção tirou do respectivo assentamento dos proprios nacionaes. 1.<sup>a</sup> secção da Thesouraria de Fazenda do Ceará 20 de Dezembro de 1862. O Chefe Manoel Nunes de Mello.

~~~~~

Escriptura de venda do terreno do Lazareto da Lagôa-funda na capital da Provincia do Ceará, que fazem o Coronel Francisco Xavier Torres e sua mulher ao Governo Imperial, pelo Ministerio do Imperio, representado pelo Procurador da Corôa, Soberania e Fazenda Nacional.

Saibam quantos esta virem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e sessenta e cinco, aos dezoito dias do mez de Outubro

nesta cidade do Rio de Janeiro e casa de residencia do Exm.^o Sr. Dom Francisco Balthazar da Silveira, a rua do Riachuelo numero noventa e dois, aonde eu Tabellião fui vindo a seu chamado, e sendo ahi presentes como outhorgante vendedor o Coronel Francisco Xavier Torres autorizado por sua mulher Dona Maria Pinto Braga Torres pelos poderes da procuração que apresentou e fica registrada nesta data no actual Livro de registro deste escriptorio, que serve sob numero sessenta e seis, como outhorgado o Exm.^o Sr. Dom Francisco Balthazar da Silveira, Procurador da Corôa, Soberania, e Fazenda Nacional para representar a Fazenda Nacional por Ordem do Ministerio do Imperio, em virtude do Aviso expedido em cinco de Setembro proximo findo, que igualmente fica registrado no mesmo Livro, em seguida á procuração acima dita, fazendo parte deste instrumento : aquelle residente na Fortaleza de Santa Cruz e este na casa onde é feito este instrumento já indicada, ambos reconhecidos em sua identidade por mim Tabellião e pelas testemunhas ao diante mencionadas e assignadas do que tudo dou fé; e me sendo apresentada a distribuição do theor seguinte—Ao Dr. Lobo se distribuiu uma escriptura de venda de um terreno na Provincia do Ceará que fazem o Coronel Francisco Xavier Torres e sua mulher a Fazenda Nacional.

Rio em vinte e nove de Setembro de mil oitocentos sessenta e cinco. J. Salema, faço este instrumento por competir-me. Pelo outhorgante vendedor me foi dito perante as testemunhas que elle e sua mulher são senhores e possuidores de uns terrenos na cidade da Fortaleza, capital da Provincia do Ceará, no lugar denominado Lagôa-funda, em distancia menor de legua da cidade, os quaes houveram por legitima dos Faes e Sogros delles outhorgantes. e por compra dos demais herdeiros, como melhor consta dos formaes documentos submettidos ao conhecimento do Governo Imperial, e que nesses terrenos está edificado o Lazareto denominado da Lagôa-funda : pelo que elle outhorgante se tem justo e contractado com o Governo Imperial, pelo Ministerio do Imperio, vender-

lhe como de effeito pela presente lhe vende e fica constituido Proprio Nacional, os terrenos occupados pelo referido Lazareto, mais vinte braças para cada uma das quatro faces do dito Lazareto: e bem assim o uso e servidão da Lagôa-funda, tanto quanto o exija e seja necessario do serviço do mesmo Lazareto, não obstante achar-se ella fóra das vinte braças vendidas pois fica a trinta e seis do edificio, tudo pelo preço e quantia certa de dous contos de réis, digo de dous contos e quinhentos mil réis (2:500:000) que com o traslado deste instrumento, elle outhorgante receberá no Thesouro Nacional, dando entretanto desde já quitação á Fazenda Nacional do preço desta venda, para jamais reclamar cousa alguma a semelhante titulo, pois que desde a celebração e assignatura do presente contracto elle outhorgante cede, transfere e traspassa todo o direito, acção, dominio e posse que elle e sua mulher até hoje tinham aos terrenos vendidos e declarados por este instrumento, havendo a Fazenda Nacional por empossada, quando a não estivesse já dos ditos terrenos por força desta escriptura e da clausula *constituti*; constituindo o preço desta venda ao Estado emquanto elle outhorgante não realisa o embolço da quantia já declarada.

E pelo Procurador da Corôa, aqui outhorgado, foi dito que acceitava este instrumento, e os direitos que confere para a Fazenda Nacional que elle aqui representa em virtude do Aviso do Ministerio do Imperio já citado.

Assim convencionado me requereram que em virtude de meu officio lavrasse este instrumento em minha nota, do qual não se pagou siza, e apenas sob numero cento trinta e dous, em quatorze do corrente, dous mil quinhentos réis de sello proporcional e sendo-lhes por mim lido, acceitaram e assignaram com as testemunhas João Vicente Esteves e Romualdo Pereira Lima perante mim Carlos Augusto da Silveira Lobo, Primeiro Tabellião da Côrte, graduado em direito que o escrevi.—Francisco Xavier Torres—Dom Francisco Balthasar da Silveira—João Vicente Esteves—Romualdo Pereira Lima.

E trasladado do actual Livro de Notas em o dia, mez

e anno ao principio declarados. E eu Carlos Augusto da Silveira Lobo, Primeiro Tabellião da Côrte, que o subcrevo e assigno em publico e razo. Em testemunho da verdade—Carlos Augusto da Silveira Lobo. Confere José Severiano da Rocha.

~~~~~

Escriptura de venda de duas mil e quinhentas braças de terras quadradas, onde se acha incravado o novo Paiol da Polvora, desta cidade, que faz Dona Maria Pinto Braga Torres, á Fazenda Nacional, pela quantia de 1:500\$000 rs.

Saibam quantos este publico instrumento de escriptura de venda virem, que sendo no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil oito centos oitenta e tres, nesta cidade da Fortaleza, capital do Ceará, aos quatorze dias do mez de Setembro, em meu escriptorio compareceram de uma parte como vendedora Dona Maria Pinto Braga Torres, moradora na Corte do Rio de Janeiro, e de presente nesta cidade, e de outra como comprador o Procurador Fiscal ad-hoc da Fazenda desta capital, Ignacio Pinheiro Teixeira, como representante da Fazenda Publica Nacional, morador nesta mesma cidade e ambos conhecidos pelos proprios de que dou fé.

E pela vendedora Dona Maria Pinto Braga Torres foi dito em presença das testemunhas abaixo mencionadas e assignadas, que sendo Senhora e possuidora de duas mil e quinhentas braças de terras quadradas, onde se acha incravado o novo Paiol da Polvora nos suburbios desta mesma cidade, cujas terras houve por fallecimento de seu marido o Brigadeiro Francisco Xavier Torres, vende o dito terreno, como effectivamente vendido tem de hoje em diante por meio desta, á Fazenda Publica Nacional, pela quantia de um conto e quinhentos mil réis, que confessou já haver recebido em moeda corrente e legal da mão do Procurador Fiscal, pelo que dá a mesma Fazenda plena e geral quitação de paga, lhe transfere toda posse, dominio, direito e acção que no referido terreno e suas servidões tenha, obrigando-se por sua pessoa e bens



a fazer esta venda boa, firme e valiosa em todo tempo e a defender a Fazenda quando for chamada a autoria.

E pelo Procurador Fiscal ad-hoc foi dito que por parte da Fazenda Publica Nacional acceitava esta escriptura como lhe era passada e em virtude da deliberação do Ministro da Guerra Conselheiro Antonio Joaquim Rodrigues Junior, em Aviso de trinta de Julho do corrente anno, em consequencia da desapropriação feita do mesmo terreno para utilidade publica pelo então Presidente desta Provincia Caétano Estellita Cavalcanti Pessoa, em Portaria de vinte e cinco de Abril de mil oitocentos setenta e sete. Pagou o sello proporcional como, digo, o sello como das estampilhas abaixo, deixando de pagar os direitos de transmissão e laudemio por ser a compra feita pela Fazenda Publica e ser o terreno da propriedade exclusiva da vendedora.

Em fé e testemunho de verdade assim o disserão e a pedido dos mesmos faço este instrumento nesta nota por me ser distribuido e o qual lhes sendo lido e achado conforme reciprocamente o outorgaram, acceitaram e assignaram com as testemunhas presentes Antonio Bricio de Carvalho e Joaquim Henrique Vieira conhecidos de mim Antonio Bricio de Carvalho digo conhecidos de mim Antonio Leal de Miranda Tabellião Interino que o escrevi.

Em tempo : O dinheiro foi recebido por Dona Maria Pinto Braga Torres da mão do Thesoureiro da Thesouraria de Fazenda desta Provincia. Eu Antonio Leal de Miranda, Tabellião Interino o escrevi. — Dona Maria Pinto Braga Torres, Ignacio Pinheiro Teixeira—testemunhas Antonio Bricio de Carvalho—Joaquim Henrique Vieira. Estava sellada com estampilhas no valor de dous mil réis. Está conforme ao original a qual me reporto em meu poder e cartorio. Dou fé. Fortaleza, 28 de Julho de 1894. Eu Antonio Bricio de Carvalho, Tabellião Interino o escrevi e assigno em publico e raso de que uso.

Em testemunho da verdade. O 2º T.<sup>am</sup> Pc.º Intr.º

*Antonio Bricio de Carvalho*

Fortaleza, 20 de Julho de 1894.





# CARTA

DO

Bispo D. José Joaquim de Azeredo Coutinho

**SOBRE OS INDIOS DA CAPITANIA**

---

Senhor. — Eu venho depôr aos pés de V. A. R. as armas que os indios barbaros dos certões de Pernambuco e do Ceará vêm por mim tributar á V. A. R. em signal da sua obediencia e da sua fidelidade.

Aquelles indios, restos dos antigos barbaros, que já em outros tempos forão sujeitos á dominação de Portugal e que formavão uma parte do exercito do famoso indio D. Antonio Felipe Camarão, que na guerra da expulsão dos Olandezes d'aquelle continente se fez immortal em defeza dos Portuguezes, aquelles indios, digo, depois de serem sujeitos se tornárão á rebellar, e revestidos da sua antiga barbaridade fazião muitas hostilidades aos habitantes d'aquelles certões e lhes cauzavão grandes danos pela destruição de suas fazendas e lavouras, e pela mortandade de seus gados.

Pouco depois que tomei posse d'aquelle bispado e do governo interino d'aquella capitania, de que por V. A. R. fui encarregado, recebi cartas de alguns commandantes d'aquelles certões, em que davão noticias das hostilidades que fazião aquelles indios e pedião que se expedissem



as ordens necessarias para serem autorizados a lhes fazer a guerra, como, dizião elles, era de costume.

Eu, porém, conhecendo pela historia d'aquelles indios, e pelos factos acontecidos na minha caza, que a guerra feita aos indios, além de ser um meio violento, é sempre ruinoza, não só aos indios, mas ainda aos mesmos que lhes fazem a guerra, que quazi nunca é deciziva, e a paz por ella feita nunca é segura, e que o unico meio que ha para os domar são as armas da beneficencia e caridade, que fórmão o character e a baze da nossa santa religião, armas com que ella tantas vezes têm triunfado da mesma barbaridade, propuz aquelle governo para que mandasse, como mandou, aos ditos commandantes, que sustasem em todo o procedimento contra os ditos indios até segunda ordem; e conhecendo as bôas qualidades, e virtudes do missionario barbadinho italiano frei Vital de Frescarolo, lhe concedi as faculdades necessarias para instruir, catequizar, baptisar e administrar todos os sacramentos aos novamente convertidos e o encarreguei d'aquella missão com todas as ordens necessarias para que aquelles habitantes lhe dessem todo o auxilio, de que elle precízasse.

Esta missão foi abençoada por Deus, pois que emfim se conseguiu tudo quanto se dezejava, como consta das cartas do mesmo missionario, que com esta tenho e honra de depôr na augusta presença de V. A. R.; e esta conquista, por si mesmo de uma grande utilidade para a igreja e para o estado, é tanto mais apreciavel, quanto ella foi feita sem derramar uma só gota de sangue.

Os mesmos indios derão por motivo da sua rebelião os máos tratamentos, que tinham recebido d'aquelles moradores, que até os fizeram recolher em um pateo debaixo do pretexto da religião, os fizeram passar a espada, como diz o mesmo missionario na sua carta junta de 4 de Setembro de 1802; eu não sei quaes forão os primeiros agressores; porque este facto foi acontecido, segundo me disserão, ha mais de 20 annos, quando eu ali ainda não estava: mas comtudo não póde haver alguma razão



atendível para se fazer semelhante procedimento, e muito menos debaixo do sagrado nome da religião.

Aquelles indios, ainda que poucos em numero, são com tudo restos de quatro diferentes nações barbaras, que, conservando-se na sua rebellião entre serras e bre-nhas incultas, serião de terriveis consequencias para o estado, por isso que elles facilmente fogem, levando comsigo armas e bagagem, quando encontram maior força; e tornão de repente sobre os seus inimigos descuidados, queimando as searas e as plantações, sem perdoar nem ainda as vidas mais innocentes; os negros da ilha de São-Domingos acabão de dar ao mundo um exemplo terrivel d'estas surpresas: aquelles indios serião o ponto de ajuntamento, e apoio dos negros fugidos, e ainda dos brancos descontentes, si elles existissem por muito tempo na sua rebellião.

Além das armas que rendem a V. A. R. aquelles indios em sinal da sua obediencia, oferecem tão bem os pobres trastes de seu uzo, e de seus infeites, que consistem em uma coberta, um par de sandalhas, e dois alforjes fabricados por elles mesmos, e duas pedras de tintas, a que elles chamão *tauá*, com se que se pintão a seu modo.

O tecido das suas obras ainda que é grosseiro, com tudo a materia, de que ellas se compoem, póde ser de um interesse grandissimo para a marinha na parte que pertence ás amarras, cabos e velames, por que é uma especie de linho a que elles chamão *crauá* (talvez mais forte do que o canhamo), de que abundão aquelles sertões, nascido naturalmente como vergontes da grossura de um dedo e altura de dous até tres palmos, sem alguma cultura pela distancia de algumas leguas, principalmente na capitania do Ceará na freguezia de São-Matheus; e se reproduz das suas raizes, sendo cortado ou ainda queimado, com tanto que se não arranquem as raizes. Este só artigo das fabricas do linho canhamo fórma uma grande parte da riqueza do grande imperio da Russia.

O tauá, e outras muitas tintas finas, com que elles se pintão debaixo do mesmo nome de *tauá*, e de que se achão muitas pedras de tintas de diversas côres na fre-



guezia de Villa-Viçosa nos certões da Ceará, por isso que são mineraes, podem ser de grande interesse principalmente para os pintores de escacolas e estuques, que as mandão vir de fóra por alto preço: o exame d'estes objectos não póde deixar de ser de um grande interesse para o commercio.

Si nas aldeias d'aquelles novos indios se estabelecessem algumas cordoarias, ainda que para os cabos de menor grosura, seria sem duvida um meio facil, não só de os civillizar, mas tambem de tirar logo d'elles algum partido, principalmente dos que já estão acostumados a trabalhar n'aquelle genero de linho.

As manufacturas das cordoarias, que ficassem mais juntas ás margens do Rio São-Francisco, onde estão situados aquelles indios, poderião ser conduzidas pelo mesmo rio até á villa do Recife; as que ficassem mais para dentro do certão poderião ser conduzidas em bestas pela nova estrada, que no meu tempo se mandou abrir desde as margens d'aquelle rio até a dita villa do Recife, para condução dos gados d'aquelles certões, que por falta da dita estrada se perdião, e hoje são de uma grande utilidade para a sua sustentação d'aquelles povos, e de grandes interesses para a fazenda real, como se vê na carta junta de Jozé de Barros Falcão de Lacerda Cavalcanti, juiz vereador que então era da cidade de Olinda.

O bem do serviço de V. A. R. e do publico não permite, que eu passe adiante, sem ter a honra de pôr na augusta presença de V. A. R. o merecimento do dito juiz Lacerda Cavalcanti, que sem duvida é um dos vassallos de V. A. R.; que ali achei mais honrado, e mais zelozo do serviço de V. A. R. e o mais desinteressado, e incansavel em promover o bem da sua patria; assim como Custodio Moreira dos Santos, que com toda a prontidão, actividade, e economia fez abrir aquella grande estrada de mais de duzentas leguas, sem algum vexame dos povos: estes dous homens são muitos dignos de serem occupados no serviço de V. A. R., o dito Lacerda Cavalcanti para os negocios dentro da villa do Recife, ou cidade de Olinda, e o dito Custodio Moreira para os negocios do certão.



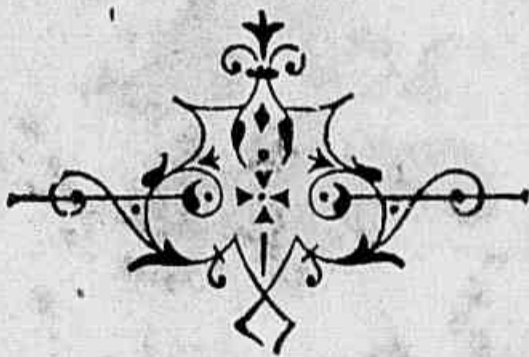
Eu venho finalmente em nome d'aquelles indios rogar á V. A. R. se digne tomal-os debaixo da alta proteçãõ de V. A. R., mandando ao governador d'aquella capitania, que lhes assine terras para cultivarem, e á junta da fazenda real que lhes dê a ferramenta necessaria para o trabalho, ficando entretanto conservados debaixo da direçãõ dos ministros da religiãõ, até que elles percão as saudades da barbaridade, e se façãõ aos costumes dos povos civilizados.

Deus, senhor nosso, autor de todo o bem, felicite para sempre a V. A. R. e aos seus vassallos.

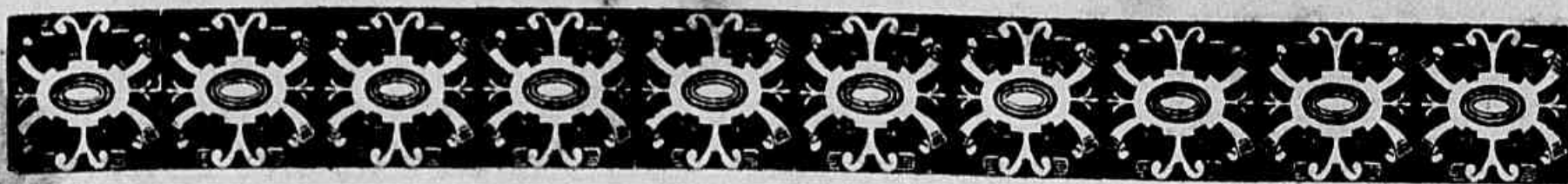
Senhor.

DE V. R.

o muito obediente e fiel vassallo,  
*D. José*, Bispo de Pernambuco  
Eleito de Bragança e Miranda.







# A IMPRENSA NO CEARÁ

NOTAS POR

**João Baptista Perdigão de Oliveira**

~~~~~  
Ao dignissimo Presidente do «Instituto do Ceará»

DESEMBARGADOR PAULINO NOGUEIRA

~~~~~  
*Continuação* (\*)

III

§

Quanto á imprensa e ao jornalismo do Brazil, o que há escripto ?

Não são abundantes os trabalhos a respeito.

Conheço os seguintes :

*Progresso do Jornalismo no Brazil*, devido á habil penna do Sr. Dr. Francisco de Souza Martins; *Origem e desenvolvimento da imprensa no Rio de Janeiro* (1865), de que é auctor o illustrado Sr. Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo ; *Historia da Imprensa no Maranhão*, escripta pelo infatigavel e operoso Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, sendo a primeira parte publicada em 1878 e a segunda dez annos depois, em 1888.

---

(\*) Vide Revista anterior, pag. 61.



*Sessenta annos de jornalismo—A Imprensa no Maranhão 1820—1880—*. publicado em 1883 por *Ignotus*, modesto pseudonymo do saudoso Joaquim Serra ; *Estabelecimento e desenvolvimento da imprensa em Pernambuco*, 1891, trabalho do Sr. Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa, a quem a Historia do Brasil já deve bastante peculiaridade ; *A Imprensa em Minas Geraes—1807—1894*, interessante memoria publicada nos jornaes do Rio de Janeiro e de Minas Geraes e, depois, reunida em um folheto, (Junho de 1894) por X. da V. letras que occultam, por modestia, o nome de um distincto filho de Minas Geraes, o Sr. Dr. J. P. Xavier da Veiga, digno Director do *Archivo Publico Mineiro*.

Os trabalhos mencionados são todos de valor real ; contém preciosas informações sobre tão importante elemento da civilização de nosso charo Brazil.

Os nomes de seus auctores são assaz conhecidos no mundo das letras ; basta cital-os para se comprehender o gráo de profundez e proficiencia com que o assumpto foi estudado, a materia discutida.

Como se vio, entretanto, quasi todos esses trabalhos dizem respeito a certas e determinadas Provincias (hoje Estados), sómente o do Sr. Dr. Souza Martins refere-se á imprensa do Brazil em geral, mas é de data relativamente muito remota, pois alcança, apenas, até o anno de 1846, quando ainda não existia o jornalismo em muitas Provincias e em outras era que começava, por assim dizer, a ser inaugurado.

No *Diccionario Bibliographico* de Innocencio (9) encontram-se nas biographias de muitos Brasileiros illustres importantes apontamentos ou noticias sobre a vida de diversos jornaes, de que os biographados foram redactores, ou principaes collaboradores.

De uns certos annos a esta data, alguns jornaes e almanaks illustrados estrangeiros, Portuguezes e Francezes,

(9) *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Estudos de Innocencio Francisco da Silva, applicaveis a Portugal e ao Brazil.



teem publicado noticias referentes á imprensa do Brazil, sob a epigrapha *jornaes e jornalistas Brasileiros*, mas todos, com relação exclusivamente a diversos orgãos da imprensa do Rio de Janeiro, taes como o *Jornal do Commercio*, *Gazeta de Noticias*, *Paiz*, etc., de cujos redactores chefes ou collaboradores inserem a biographia estampando, egualmente os retratos

Do mesmo modo teem procedido, quanto a outros orgãos de publicidade, alguns jornaes e almanaks de Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro.

Ultimamente, o Sr. Xavier de Carvalho publicou (1895) um pamphleto, escripto em lingua Francesa, sob a denominação *Deuxieme Congrès international de la presse*.

O Sr. Carvalho foi a Bordeaux representar o *Paiz*, importante orgão de publicidade da imprensa Fluminense, e o seu pamphleto não é mais do que o discurso que proferiu perante o Congresso Internacional da Imprensa, realisado, naquella cidade.

Esse pamphleto, que contém apenas 8 paginas, só mui superficialmente é que trata da imprensa Brasileira, citando os nomes de alguns jornaes de diversos Estados.

Para avaliar, basta saber que nenhum dos jornaes existentes, ou dos que ja existiram nos Estados do Amazonas, Pará, Piahy, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Alagoas, Sergipe, Espirito Santo, Santa Catharina, Goyaz, Paraná, Matto Grosso, vem mencionado no discurso do Sr. Carvalho, no qual, alias, encontram-se proposições, que pecam pelo exagêro.

Diz, por exemplo, que todas as cidades, ainda mesmo de somenos importancia, teem seus jornaes que defendem os interesses locaes; quando é certo que muitas cidades ha, de reconhecida importancia, que não possuem uma só imprensa, um só jornal.

Verdade é que o Sr. Carvalho consigna, francamente, que somente do orgão, de que é representante, é que se occupa, e que as noticias ou apontamentos de que se serviu, relativamente á imprensa Brasileira, colheu-as por emprestimo, no trabalho documentado do Sr. Oscar de Araripe: *L'Idée republicaine au Brésil*.



Ainda não me foi dado lêr este ultimo trabalho; nada, portanto, posso avançar sobre o merito do que foi dito com relação ao assumpto sujeito.

Finalmente, sob o pseudonymo *Flumen Junior*, o distincto cavalheiro (que alguns presumem ser o mesmo que se occulta sob o pseudonymo *João do Rio*) que, na *A Noticia* da Capital Federal, mantém a interessante secção *jour au jour*, está publicando, desde o anno proximo findo (1896), um importante trabalho, adstricto áquella secção, debaixo do modesto titulo *Notas sobre a Imprensa*.

Não sendo assignante da *A Noticia*, mui pouco tenho conseguido lêr desse trabalho, e isto mesmo devido à obsequiosidade de amigos. A parte, que tenho lido, refere-se toda à imprensa e ao Jornalismo Fluminense.

### §

Particularmente á imprensa e ao Jornalismo Cearense, diminuto, mui diminuto é, em verdade, o subsidio, que até agora possuímos; ennumerarei conforme a ordem da publicação, tudo quanto ha, ou, antes, tudo de que tenho conhecimento.

Figura um primeiro logar *uma variedade*, organizada em principio de 1850, e publicada no *Jornal Cearense* desta Capital, em que se dá *noticia da imprensa no Ceará*.

Consiste esse escripto na indicação não só dos nomes dos Jornaes que julgava até então publicados na Provincia, como tambem das datas do apparecimento de cada um delles, e, emfim, dos prelos em que eram impressos.

Obedece á ordem chronologica e menciona, apenas, trinta e trez jornaes, sendo trinta e dois desta capital e um do Aracaty.

E' para lamentar que esse escripto, interessante porque presta-nos informações sobre os primeiros jornaes de nossa antiga Provincia, não esteja extreme de erros, pois, verifiquei que, além da omissão de alguns jornaes ha equivocos, (uns visivelmente typographicos) com relação ao apparecimento de outros, desta capital.



A esse escripto segue-se a *Relação dos periodicos que se tem publicado na Provincia* e que vem inserta no *Almanak Administrativo Mercantil e Industrial da Provincia do Ceará*, organizado e publicado em 1873, anno segundo (10), pelo operoso Sr. Dr. Joaquim Mendes da Cruz Guimarães.

Em 1883 o *Cearense* estampou em suas paginas uma *lista alphabetica de todos os jornaes que se têm impresso na Provincia*, trabalho este feito (segundo declarou) pelo Sr. Austricliano Dioscorides Damon Padilha.

Em Junho de 1893, *O Oitenta e Nove*, jornal que se publica na importante cidade de Baturité, trouxe em suas columnas edictoriaes um bem traçado artigo sob a epigraphe—*A Imprensa em Baturité*.

Esse interessante trabalho deve-se ao intelligente e operoso moço, um dos redactores daquelle jornal, o Sr. Pedro Catão, que escreveu a meu pedido, por intermedio de amigos communs.

Ainda no mesmo anno, um outro moço tambem habil e trabalhador, o Sr. José Vicente Franca Cavalcante, director d'*A Ordem* em suas notas: *Para a Historia de Sobral*, com que desde longo tempo entretém com proveito publico os leitores daquelle semanario, publicou, egualmente a pedido meu por intervenção de amigos, uns apontamentos subordinados ao titulo — *Typographias e jornaes na cidade de Sobral*.

Entre os escriptos da *Revista da Academia Cearense*, desta capital, ultimo folheto do anno proximo findo, figura o *Catalogo dos Jornaes de grande e pequeno formato publicados em Ceará*, trabalho este, que se deve á infatigavel penna de meu illustrado collega do *Instituto do Ceará*, o Sr. Dr. Guilherme Studart. Esse Catalogo foi, depois, distribuido em folheto.

Com todo o interesse que sempre me desperta tudo quanto diz respeito á Historia desta bôa terra, que estremeço de coração, li os escriptos acima mencionados, e verifi-

---

(10) O primeiro anno sahiu em 1870.



quei que tanto a relação e lista alfabética, dos Srs. Dr. Joaquim Mendes e Austricliano Padilha, como também o catalogo do Dr. Guilherme Studart, teem lacunas e equívocos muito sensíveis.

Neste *Catalogo*, além de omissão de não pequeno numero de jornaes, quer desta Capital, quer de algumas cidades e villas do Estado e a inclusão de nomes de outros que nunca existiram ou nunca foram aqui publicados, notam-se equívocos quanto à data do apparecimento de diversos dos Jornaes nelle incluídos.

Em logar opportuno provarei a asserção, que acabo de avançar.

— Da criação de alguns dos primeiros Jornaes politicos, que possuímos no Ceará, occuparam-se incidentalmente em diversos de seus trabalhos historicos os meus bons e venerandos amigos e mestres Sr. Coronel João Brigido dos Santos e Desembargador Paulino Nogueira Borges da Fonseca que tantos e tão reaes serviços teem prestado a nossa historia peculiar.

Emfim, o intelligente moço Tancredo de Mello, que ultimamente tem se dedicado ao estudo de trabalhos historicos, publicou na *Revista Silva Fardim*, que se imprime em Porto Alegre, do Rio Grande do Sul, uma interessante, porém, mui pequena *noticia sobre o primeiro jornal do Ceará*.

Longe da terra natal, sem possuir na occasião documentos mas confiando, provavelmente, na memoria, Tancredo deixou escapar equívocos, affirmando, por exemplo, que o *Semanario Constitucional* foi o segundo jornal do Ceará.

§

Isto posto, tentarei apresentar uma ligeira noticia, em traços geraes, sobre o estabelecimento ou introdução da imprensa no Brazil, fundação ou criação do jornalismo em cada uma das suas antigas Provincias, hoje Estados, para depois, entrar detalhadamente no assumpto, que constitue o principal objecto destas minhas despreziosas notas.



Havia uma crença ou supposição (corroborada pela informação não sei de que auctor estrangeiro) de que durante o periodo em que o Brazil estivera sob o dominio Hollandez, fôra estabelecida ou introduzida em Pernambuco uma typographia, graças ao Principe João Mauricio de Nassau que, por espaço de quasi oito annos (Janeiro de 1637 a Maio de 1644), soube com tino administrativo, intelligencia e bom senso pratico, dirigir os destinos do Brazil Hollandez exercendo as altas funcções de seu Governador Geral.

Para comprovar a existencia dessa typographia, appella-se para a existencia de uns dois folhetos, escriptos em Hollandez, entre elles, um denominado *Bolsa do Brazil*, que traz a declaração de ter sido impresso no Recife, no anno de 1647.

Tal crença, porém, já cahiu por terra, desfeita á luz da critica e da historia.

Varnhagen, o grande Visconde de Porto Seguro, de saudosisima memoria, e que legou-nos trabalhos do mais subido valor, foi quem primeiro procurou elucidar a questão, indo consultar até os proprios criticos e bibliographos Hollandezes.

Eis o que, em resultado das criterosas investigações a que procedeu, disse-nos o venerando Historiador, em sua importantissima obra—*Historia das Luctas com os Hollandezes no Brazil* :

« Não falta quem creia que a imprensa chegou a ser introduzida no Recife durante o tempo do dominio hollandez, fundando-se em que um ou dous folhetos desse tempo se dizem alli impressos. Porém os bons criticos e bibliophilos hollandezes, que a este respeito consultamos, propendem a crer que essas publicações foram clandestinas e espurias, e que não sahiram do Recife se não da Hollanda onde tambem foi provavelmente publicada a Historia de Nicolau I, que se declara impressa em S. Paulo, (do Brazil.) »

A' tão auctorisada voz, veio, mais tarde, se juntar a de um grande cultor das lettras patrias que já tem produzido trabalhos de alto merecimento, o illustradissimo Sr.



Dr. José Hygino Duarte Pereira, que por occasião de publicar na *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, n.º 28, a traducção que fez da *Bolsa do Brazil*, apresenta ponderações as mais justas para concluir que esse opusculo não fôra impresso em Recife, séde do Governo do Brazil Hollandez, por isso que ahi não existia naquelle tempo officina typographica.

Transcrevo aqui para conhecimento dos leitores a *Advertencia*, com que tão abalisado critico precedeu á publicação da alludida traducção :

« A installação de uma officina typographica no Recife não era facto tão somenos que escapasse á curiosidade de Nieuhof, Barleus, Moreau e Calado, os quaes já referindo os acontecimentos, já apreciando a situação da Colonia hollandeza, tiveram ensejo de sobra para transmittir-nos a noticia de semelhante facto.

« Alem disto, considerações suggeridas pelo proprio opusculo se oppõem a que admittamos como verdadeira a declaração do autor.

« Si se tivesse introduzido a imprensa na capital do Brazil Hollandez, durante os oito annos do governo de Nassau, é extraordinario que o seu panegyrista Barleus não commemorasse um facto tão honroso para esse principe amigo das artes e lettras.

« E' tambem notavel que Moreau (contemporaneo e que viveu no Recife no tempo em questão) nada dissesse acerca da imprensa no Recife, tendo tido aliás o cuidado de declarar que os Estados Geraes tencionavam apoderar-se da Colonia do Brazil depois de 1654 *y établir une imprimerie*.

Sómente no principio do seculo passado, o que equivale a dizer : — sómente depois de deccorridos quasi trescentos annos de sua maravilhosa descoberta, foi que a imprensa foi introduzida no Brazil, que, havia mais de dous seculos se achava descoberto.

Cabe a Pernambuco a honra de prioridade em possuil-a, pois, segundo affirmação do illustre auctor das Biografias Commendador Antonio Joaquim de Mello, em 1706, ou pouco antes, abrio-se pela primeira vez na



cidade do Recife de Pernambuco uma pequena typographia, que começou por imprimir lettras de cambio, e breves orações devotas. » (11)

Teve eu tissima duração, porquanto, «tendo a Ordem Regia de 8 de Julho do mesmo anno ordenado ao Governador de Pernambuco [continúa o mesmo auctor] que mandasse sequestrar as lettras impressas e notificar aos donos dellas e officiaes da typographia, que não impremissem, nem consentissem que se impremissem livros, nem papeis alguns avulsos, a typographia desappareceu. »

E' pena que o illustre biographo não nos fornecesse informações mais amplas, que indicassem, por exemplo, a esforços de quem se deveu a introdução da typographia, qual o seu proprietario, systema do prelo, emfim que destino ella teve depois da ordem de seu sequestro.

(1) Sr. Dr. Augusto Pereira da Costa nada nos adiantou a esse respeito em sua memoria—*Estabelecimento e desenvolvimento da imprensa em Pernambuco*, a que em outro lugar já me referi.

Procurei, porém, debalde, a Ordem regia de 8 de Julho de 1706. que determinou o sequestro da typographia, talvez que de seu contexto se colhessem esclarecimentos.

E' pena a escassez das informações, que tanto se fazem necessarias para a elucidação de um ponto de não pequena importancia de nossa Historia, isto é, qual a epocha certa do estabelecimento no Brazil do maravilhoso invento de Guttemberg, e qual de suas antigas Provincias que teve a gloria de possuil-o em primeiro logar.

Assim me exprimo, porque aquella affirmção do Sr. Commendador Antonio Joaquim de Mello contraria opiniões que a respeito teem sido emittidas por outros escriptores de reconhecidos meritos, constituindo uma terceira opinião, aliás a quarta, se contemplarmos a crença ou supposição, já destruida, da existencia de uma typographia em Recife, durant eo governo de Mauricio de Nassau.

---

(11) Biographias de alguns poetas e homens illustres da Provincia de Pernambuco, tomo 2º, pagina 255, nota 3ª.



De facto, Historiadores de nota, nomeadamente os Srs. Drs. Moreira de Azevedo (*Origem e desenvolvimento da imprensa no Rio de Janeiro*); J. A. Teixeira de Mello (*Ephemerides Nacionaes*); J. P. Xavier da Veiga (*A imprensa em Minas Geraes*) affirmão que a primeira officina typographica fundada no Brazil (excluida a supposição da de Nassau) foi a que estabeleceu-se no Rio de Janeiro já no segundo quartel do seculo passado, sob os auspicios do Capitão General Gomes Freire (depois 1.º conde de Borbadella) Governador daquella capitania.

A outra opinião, que é regeitada *inlimine*, attentas ás provas a favor da que fica acima mencionada em ultimo lugar, é que a primeira typographia que houve no Brazil chegou ao Rio de Janeiro no anno de 1752, conforme se deduz da *Synopsis* do General Abreu e Lima.

Essa opinião não é mais (pode-se com firmeza assegurar) do que a resultante do erro ou confusão da data de um facto com um outro, que lhe é correlativo.

Com effeito, consignando o anno de 1752 para a criação da *Academia dos Selectos* e o dia 30 de Janeiro para a celebração de sua primeira sessão, o illustre Historiador Pernambucano acrescenta, depois. «A' esta sociedade de litteratos se deve a introdução da primeira typographia que houve no Brazil, segundo affirmou o Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, na sua memoria, inserta na collecção das da Real Academia das Sciencias de Lisbôa; porém, pouco durou, porque por Ordem da Corte, se mandou destruir e queimar afim de que não se espalhassem por este meio idéas contrarias ao regimen colonial.» (12)

---

(12) O illustrado auctor das «Ephemerides Nacionaes», o Dr. J. A. Teixeira de Mello, tambem espôsa esta opinião, á pagina 64 do 1.º volume daquella importante obra, quando consigna os factos occorridos a 30 de Janeiro de 1752. Entretanto á pagina 306 do mesmo volume fazendo a resenha dos factos de 13 de Maio de 1808, refere que muitos escriptores suppoem que a typographia que o Conde da Barca fizera vir de Londres naquelle anno (1808) fôra a primeira estabelecida no Rio de Janeiro, e depois escreve: «Já porém na primeira metade do seculo XVIII havia nessa cidade uma officina typographica, graças ao louvavel impulso que dera ás lettras na capitania



O primeiro facto é verdadeiro, não ha que contestar ; mas não é áquella associação que se deve o estabelecimento de uma officina typographica no Brazil, e sim á uma outra sociedade, que funcionou anteriormente, a *Academia dos Felises*, installada a 6 de Maio de 1736, e creada tambem sob os auspicios de Gomes Freire de Andrade que foi o seu primeiro presidente.

Quando, em 1752, deu-se a transformação, por assim dizer, da *Academia dos Felises* em *Academia dos Selectos*, muitos annos havia que tinha sido introduzida aquella typographia, melhor ainda, já tinha sido extincta, em virtude de ordens da Metropole.

E porque a ultima das associações foi succedanea da primeira, attribuiram-lhe os esforços, a iniciativa, e, emfim, a gloria da realisação do facto, quando tudo pertence de direito áquella outra.

Ahi a confusão e o erro, a que acima me referi.

Com as linhas, que seguem, o leitor ficará inteirado de tudo quanto occorreu sobre tão interessante assumpto.

Gomes Freire de Andrade (13), depois primeiro Conde de Bobadella, foi um dos capitães-generaes do Rio de Janeiro que mais serviços prestaram á capitania, sob diversos pontos de vista.

Gosava de grande influencia perante a Côrte Portugueza, tanto assim que chegou a reunir em suas mãos por longos annos as redeas da administração das capitarias do Rio de Janeiro e de Minas Geraes e até mesmo de toda a Repartição do Sul ; e, tendo sido assignado em Madrid, em 13 de Janeiro de 1750, um tratado de limites, foi nomeado Plenipotenciario e primeiro Commissario para leval-o a effeito, na parte meridional.

---

o Conde de Bobadella, Gomes Freire de Andrade, durante cujo governo se haviam fundado as duas academias particulares dos «Felizes» e dos «Selectos». Termin afazendo menção de diversas obras que sahiram dessa officina publicadas no anno de 1747.

(13) *Andrada* —assim escreveram Xavier da Veiga, Teixeira e Mello.

Outros, entre elles Moreira de Azevedo e Abreu e Lima, escrevem —*Andrade*— Ignoro o motivo da divergencia, ou preferencia.



No desempenho de tão honrosa, quão ardua commissão, de que foi incumbido sem embargo de conservar o bastão daquellas capitánias, teve de fazer o gyro de todo o continente do Rio Grande de S. Pedro e Missões.

Seu governo foi longo, e, por isso, teve elle tempo para realisar os maiores beneficios ás capitánias, sujeitas a sua jurisdicção, fazendo reformas e executando obras de subido valor e incontestavel utilidade publica.

A Historia registra que durante o tempo de sua gestão foram fundados no Rio de Janeiro conventos, archeductos, pontes e fontes, levantada a Fortaleza da Conceição e concluidas a das Ilhas das Cobras, a casa de residencia dos governadores—que depois serviu de Paço Imperial—; em Minas, foi elle quem estabeleceu a capitação, acabando com as casas de fundição, tão onerosas aos mineiros, creou uma Casa de Misericordia, etc.

Foi, portanto, seu governo feliz e fecundo para o Estado do Brazil.

«Seu respeitavel nome, diz Abreu e Lima, será indelevel nos fastos das capitánias, que governou, pelo seu talento e eminentes virtudes, entre as quaes predominavam o desinteresse e a pureza de costumes os mais louvaveis, o zelo pelo serviço publico, a justiça e o amor com que regia os povos fazendo-se por estas circumstancias digno da singular distincção, com que El-Rei D. José I mandou por sua Real grandesa, para exemplo e estinulo dos Governadores, collocar no Senado da Camara o seu retrato, onde ainda hoje existe com geral veneração de todos os habitantes desta cidade.»

Zeloso e esclarecido cultor das lettras, Bobadella dispensava sua valiosa protecção aos moços de talento que se dedicavam aos estudos, bem assim áquelles que por falta de meio, não podiam entregar-se á ardua e difficil tarefa das lettras.

« Por sua protecção (escreve o Dr. Moreira de Azevedo) pôde José Basilio da Gama entrar para o Seminario de S. José, e foi o braço forte e imponente desse fidalgo que conduziu á Europa o poeta brasileiro, que lá foi tornar mais sonora e instructiva a sua lyra. »



A seus esforços, foi, installada no Palacio de sua residencia, a 6 de Maio de 1736, uma associação litteraria, denominada *Academia dos Felizes*, composta de trinta membros. Do seio dessa associação nasceu a idéa da organização de uma outra, a *Academia dos Selectos* o que effectivamente realisou-se sendo a Sociedade installada a 30 de Janeiro de 1752, tambem na residencia de Bobadella, que nesse tempo já se achava occupando o Palacio que, pouco mais de meio seculo depois, tornou-se o Paço Imperial.

Alguns dos historiadores já citados presumem que a criação daquellas associações não teve outro fim senão endeosar, em prosa e em verso, o Capitão General Gomes Freire de Andrade, attentos aos pomposos elogios áquelle habil servidor de Estado, por ellas legados á posteridade.

Nunca é demais louvar ao merito, e negar encomios a Gomes Freire de Andrade, o 1.º Conde de Bobadella, administrador emerito, seria esquecer os sentimentos da gratidão, seria negar os innumerados e importantissimos serviços prestados por esse homem de valor e de virtude, e, demais diz o Principe dos poetas :

« a virtude louvada, vive, e cresee,  
E louvor altos casos persuade. » (14)

Si foi, pois, por desejar os perfumes da gloria, (escreve o Dr. Moreira de Azevedo) que o Conde de Bobadella estabeleceu a Sociedade dos *Felizes* e depois a dos *Selectos*, todavia concorreu elle desse modo para o progresso e civilização de uma cidade que vivia occulta sob o véo da ignorancia. »

Praza a Deus que umas tantas associações de elogios mutuos, que tão abundantemente se teem estabelecido no Norte e no Sul, e que com successo vão sendo introduzidas, em meu charo Ceará, produsam em resultado alguma cousa em beneficio das lettras.

(Continúa).

---

(14) Camões—Os Lusíadas, Canto IV, est. LXXXI.





## JOSÉ DE ALENCAR



A grandiosa idéa de erigir-se uma estatua ao sublimado auctor do «Guarany», germinada nas cellulas do possante cerebro de Ferreira de Araujo e acolhida com entusiasmo pela tatalidade dos brazileiros, vae ter hoje o seu *desideratum*; O Brazil vae saldar, no moio de geraes applausos, a divida de gratidão contrahida com um de seus maiores filhos.

Erecta no saudavel e aristocratico largo do Cattete, em frente do sumptuoso palacio dos condes de Nova Friburgo, ora transformado em residencia dos Presidentes da Republica, deve hoje brilhar, pela primeira vez, ao corruscante sol, que illumina a cidade fluminense, o bronze, em cuja indestructibilidade foi perpetuada a effigie deste grande vulto da litteratura nacional.

Ao Ceará, terra de seu berço e tantas vezes enaltecido em seus immortaes poemas, competia a incumbencia de tornar indelevel, na memoria de nossos posteros, o nome, mil vezes glorioso, do mais illustre dos cearenses. Mas o Ceará não tem o direito de querer só para si aquillo que pertence á hegemonia: José de Alencar é uma gloria nacional: pertence ao Brazil inteiro.

As grandes notabilidades não têm patria: são cosmopolitas: pertencem á humanidade.

Associando-nos de todo o coração á essa homenagem posthuma, rendida ao extraordinario José de Alencar



que as qualidades de eminente estadista alliava ás de primeiro romancista, critico, dramaturgo e jornalista brasileiro, enviamos ao heroico povo fluminense os mais vivos protestos de nossa sincera adhesão.

Conforme a convocação que publicamos, reuniu-se hontem nos salões da «Phenix Caixeiral», ás 7 1/2 horas da noite, grande massa de povo, afim de se deliberar o meio da transmittir á capital federal a gratidão de todo o Ceará pelo tributo rendido por ella ao immortal romancista brasileiro, erguendo-lhe uma estatua.

Depois de diversas opiniões emittidas, ficou a commissão convocadora da reunião, os srs. dr. Guilherme Studart, Rodrigues de Carvalho e Antonio Valente, encarregada de confeccionar e transmittir os telegrammas que julgasse necessarios.

Forão os seguintes os telegrammas passados :

*Gazeta de Noticias, Paiz e Jornal do Commercio*

O Ceará envia ardentes e fraternas saudações á Capital Federal, e cheio de gratidão pela estatua de José de Alencar offerece-lhe como preito de reconhecimento seu coração em puro e sincero holocausto.

*Esculptor Bernardelli. — RIO*

Ceará agradecido apresenta homenagens e admiração trabalho artistico estatua Alencar. O cinzel estatuario digno penna escriptor. Ambos pela arte conquistaram futuro. São hoje irmãos na gloria immortal.

*Exma. Sra. D. Georgiana Alencar — RIO*

Ceará, vencendo distancia pelo coração, congratula-se V. Ex.<sup>a</sup> e contempla de longe estatua Alencar, que antes ser erguida Praça Ferreira Vianna já o era no dominio sempiterno da historia.



*Araripe Junior, Moura Brazil e João Capistrano.*—RIO

Em grande meeting população fostes escolhidos representar Ceará na cerimonia estatua Alencar.

—  
 Todos estes telegrammas forão assignados pela com-  
 missão: Dr. Guilherme Studart, Rodrigues de Carvalho  
 e Antonio N. Valente.

—  
 Sabemos terem sido transmittidos mais os seguintes  
 telegrammas:

DO «INSTITUTO DO CEARÁ»

SENADOR CATUNDA

*Instituto do Ceará* pede o representeis com Conselheiros  
 Alencar Araripe e Alvaro de Oliveira na cerimonia esta-  
 tua J. Alencar.

*Dr. Paulino Nogueira.*

« *Guilherme Studart.*

—  
 DA «ACADEMIA CEARENSE»

*Academicos Machado de Assis, Lucio de Mendonça,*  
*Visconde Taunay*

*Academia Cearense* pede a representeis nas ceremonias  
 estatua José de Alencar.

*Thomas Pompeu de Sousa Brasil.*

*Dr. Guilherme Studart.*

—  
 DO «CENTRO LITTERARIO»

*Frota Pessoa*

Represente com dous companheiros sua escolha *Cent-*  
*tro* na gloriosa festa da inauguração da estatua do im-  
 mortal cantor de Iracema.

*Dr. Guilherme Studart.*



## DA «PHENIX CAIXEIRAL»

*Heraclito Domingues, Paula Ney, Deputado João Lopes*

A «Phenix Caixeiral», dominada pelo justo enthusiasmo que transborda do coração cearense, vem nomear-vos para a representardes nas festas promovidas ahi por occasião de se perpetuar em bronze o vulto do maior romanista do Brazil, o glorioso Alencar.

*A Directoria.*

## DO «CONGRESSO DE SCIENCIAS PRATICAS»

*Dr. Ildefonso Lima.*

Sociedade «Congresso Sciencias Praticas» roga-vos a representeis festa Alencar.

*A Directoria.*

## DO «CLUB IRACEMA»

*Dr. Frederico Borges, Eugenio Marçal e Antonio Salles.*

Representai «Club Iracema» solemnidade estatua Alencar.

*A Directoria.*

Forão estas as justas manifestações do Ceará no glorioso dia em que se inaugurou a estatua do genial auctor do Guarany, romance.

(Da *Republica* de 1º de Maio de 1897.)

Rasga-se hoje o véo que encobre a estatua em bronze do egregio cantor de Iracema e a multidão, contemplando-a, commovida, a saudará por certo com palmas e flôres. Justissimo preito das gerações que passam ao contemporaneo que tanto illustrou o nome brasileiro.

Bem quizeramos que, em vez da encruzilhada arida e



estreita por onde ruidão incessantemente tantos vehiculos levantando o pó das estradas, fosse antes escolhido o Passeio Publico para o lugar da estatua ; nisto iria mais do que um preito, iria uma lembrança perenne do passeador solitario que pela manhã tanto alli se comprazia em scismar nas lendas da sua terra natal «onde canta a jandaia nas frondes da carnauba».

Elevado ás alturas do poder, o ministro da justiça concedia pela manhã curtissimos momentos de folga ao escriptor, que como um collegial nas horas do recreio buscava pressuroso gozar da maior somma possivel da liberdade occultando-se do duro olhar do censor austero ; e era o Passeio Publico o sitio escolhido pelo poeta, onde a passos lentos percorria as sombrias alamedas, sentindo-se feliz apartado do bulicio do mundo, ainda que ouvindo o chilrear das irrequietas crianças e avesinhas a esvoaçarem-lhe em torno por entre as franças do arvoredo ou pela verde alfombra que borda as moitas florentes.

Alli o litterato desprendia-se inteiramente do estadista, o ministro cedia o lugar ao romancista, e a musa em férias dialogava com os personagens imaginarios que a fantasia creava á feição da narrativa que delineava e assim ia debuxando ou o gracioso perfil da Diva envolta em seu lendario pudor ou a desenvolta figura do artiloso Garatuja, travesso e amoravel a um tempo.

Sem procurar imitar quem quer que fosse, assim reproduzia a lenda das priscas éras, do missionario Anchieta, escrevendo na arêa os versos do poema que ia compondo e confiando á fiel memoria.

Alma enamorada de todas as manifestações da arte, não o extasiavão menos as que a natureza desdobra e opulenta desde a vasta téla que circumda esta cidade até as miniaturas que a mão do homem semeia aqui e alli em floridos jardins ; José de Alencar tinha por aquelle ninho de verdura particular predilecção, como tanto e muito queria as florestas umbrosas da Tijuca, onde passou talvez a melhor quadra da vida, ligando-se para sempre a quem lhe foi mais que companheira da existencia, foi o anjo que lhe adejou em torno, ameigando-lhe



as agruras da vida e suavizando-lhe as dôres com que cruel enfermidade o martyrisou por largos annos.

Certamente foi em um desses sitios que, contemplando as vividas florinhas conhecidas por *botões* ou *sonhos de ouro*, imaginou a delicada novella a que deu aquelle titulo, nella, como Raphael Sanzio reproduzindo nas suas Madonas a sua bella Fornarina, retratou igualmente a imagem querida do seu coração. Assim tambem deparando-se-lhe a espreitar o caminho outras florinhas modestas, ao *myosothis* segredou talvez estes versos tão singelos e tão meigos como quem os inspirou :

Florzinha azul, minha irmã,  
Ouve o que te peço, — sim?  
Se ella passar amanhã,  
Faz que se lembre de mim.

Se o pésinho lindo e breve,  
Roçando pelo capim,  
Tocar-te, beija-o de leve,  
P'ra que se lembre de mim.

Se uma de vós fôr escolhida  
Por seus dedos de jasmin,  
No casto seio escondida  
Faz que se lembre de mim.

Eu parto, te deixo aqui :  
Vive, brilha sempre assim ;  
Quando ella te olhar, sorri,  
Talvez se lembre de mim.

Mas tudo deve acabar,  
Tudo no mundo tem fim,  
Talvez quando eu voltar,  
Já nem se lembre de mim.



Não é impeccavel a fôrma, o confessamos, mas é naturalissima. Espontanea, a imaginação do poeta não se prendia ás imprescriptiveis regras da arte; que lhe importavaõ taes regras quando só buscava expandir o sentimento que lhe ia na alma? Como o politico, o poeta viveu sempre insurgido, e foi por isso que jámais poz remate ao poema que irreflectidamente talvez prometteu, criticando os *Tamoyos* de Magalhães, ante-pôr-lhe como modelo da poesia indigena; mais tarde, arrependido de haver posto mão á obra que demandava tanta subordinação a preceitos, dizia elle a um amigo aconselhando-o que deixasse de fazer versos: desde que não se é um genio para que pear o pensamento em moldes tão estreitos; é preferivel dizer em prosa, pois, assim ao menos não sahe mutilada.

Não obstante o poeta de vez em quando sentia necessidade de submeter-se á metrificacão e á rima, mormente quando inspirado pela arte tinha de applaudir a propria arte; assim foi que ao ouvir a festejada cantora La Grange, escreveu estes versos que entregues a seu émulo na imprensa, Francisco Octaviano, este os publicou no *Correio Mercantil*:

Toda harmonia sublime,  
Tem uma tecla, uma fibra,  
Uma linguagem que a exprime,  
Corda suave que a vibra.

Canta o poeta na lyra,  
Na praia a vaga suspira,  
Gemendo soluça o vento  
Dos mares na solidão;  
Mas a ti por instrumento  
Deu-te Deus o coração.

Nessa harpa do sentimento  
Todas as notas são hymnos,  
Transforma-se o pensamento  
Em mil poemas divinos.



E quando essa alma celeste  
Fórmias do genio reveste,  
Ha no canto um drama vivo,  
Cada som cria uma idéa,  
E com teu gesto incisivo  
Escreves uma epopéa.

O poeta não pôde, é certo, vasar nos moldes do verso o poema que prometiêra aos leitores das *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos*; os *Filhos de Tupan* ficarão truncados no quarto canto, como o fuste da columna canellada a primor sem o capitel mal esboçado no bloco, mas em compensação o romancista pleno de poesia e livre das exigencias da fórma opulentou as lettras patrias com o modelo unico no genero—*Iracema*, que só por si bastaria para firmar uma reputação e laurear um nome.

E' nesse poema em versos não medidos, como bem se lhe pôde chamar, que se retrata a feição característica do inimitavel romancista.

Da primeira á ultima pagina tudo alli nos falla da patria selvagem e bella, da natureza virgem e esplendida, deste nosso Brazil emfim, tão grande e tão magestoso, com as suas montanhas topetando os céos, os seus rios invadindo os mares, as suas florestas que ensombrão as alturas e os seus passaros de tão variegadas côres e infinitas gammas.

Contemplador insaciavel de todas essas bellezas, José de Alencar dellas hauria esse poetar incessante, que dava á sua linguagem, por menos correcta que fosse, encanto, essa attracção, que a todos prendia ainda nos mais aridos assumptos.

Como os grandes meteoros que fulgem e fogem no espaço deixando os que os contemplão deslumbrados, José de Alencar, em pouco menos de um quarto de seculo, percorreu a sua carreira litteraria e politica. Estrella de primeira grandeza, listrou de luz o céu da patria em rapida, larga e fulgurante trajectoria.



Em 1850 volta ao Rio de Janeiro, para onde viera do Ceará, seu berço, aos 10 annos de idade, e inicia a carreira de advogacia, tomando por mestre na pratica o notabilissimo jurisconsulto Caetano Alberto Soares; em 1853 estréa na imprensa fluminense escrevendo no *Correio Mercantil* os folhetins *Ao correr da penna*, firmados pela sigla *Al*, que foi o seu sinete de guerra; em 1855 assume a direcção do *Diario do Rio de Janeiro*, e desde então datão todos os seus grandes triumphos.

Um esquecimento, senão uma falta proposital, por parte de Gonçalves de Magalhães, que o não convidára para ouvir a leitura da *Confederação dos Tamoyos* no gabinete imperial, transforma o jornalista politico em critico litterario. De viseira ainda cahida, surge, pelas columnas do *Diario*, *Ig.* e com tanta proficiencia que o velho amigo e mestre do autor criticado, o eloquente e laureado Monte Alverne, defendendo o poema de critica tão acerba, é obrigado a confessar que tem diante de si um contendor de pulso e de valia.

Reunidos os artigos da critica diaria em apusculo, *Ig* levanta a viseira e assigna-se José de Alentar—applaudido pela mocidade, sagra-se por suas proprias mãos. Estreia-se então o romancista, a principio com esbocetos de pouco folego mas já reveladores de um miniaturista insigne. Como desenhista adestrado, a rapidos traços esboça os *Cinco minutos* e a *Viuvinka*, já muito afastado do estreante na *Alma de Lazaro* e o *Ermitão da Gloria*, quando ainda quarto annista, collaborava em 1846 nos *Ensaos litterarios* do Ceará.

O *Diario do Rio de Janeiro* foi, de 1855 a 1858, o grande campo onde o activo cultor semeou, ensaiou, cultivou todas as especies, de todas colhendo fructos mais ou menos abundantes mas sempre sazoados e bellos. Em folhetim publicou o texto da opereta a *Noite de S. João*, que o maestro brasileiro Elias Alvares Lobo poz em musica; e, logo seduzido pelos louros do palco, concorre com Macedo, Varejão, Bocayuva e Pinheiro Guimarães ao theatro Gymnasio. O *Demonio Familiar*,



*Verso e Reverso, Mãe e as Azas de um anjo* dão-lhe a mais invejável notoriedade e o cumulação de applausos.

De par com o escriptor litterario avultava o scientifico; a jurisprudencia nelle tinha tambem estudioso investigador; não possuia uma carta de bacharel como mera condecoração, não fazia do escriptorio da advocacia lugar de passa-tempo; não era sómente um escriptor fecundo, era um trabalhador infatigavel. Desde que entrára para a redacção do *Correio Mercantil* conjuntamente, *ao correr da penna*, escrevêra uma revista forense. Com igual fervor votado ás lettras amenas dedicava-se ás juridicas: a *reforma hypothecaria*, serie de artigos discutindo tão grave assumpto, dera-lhe notabilidade entre os confrades, senão pela excellencia da doutrina, quando menos pelo brilhantismo e clareza da fórma.

Mais que director do *Diario do Rio*, quasi se póde dizer em si individualisava toda a redacção, tratava de todos os assumptos, collaborava em todas as secções, e em todos impunha o cunho de sua personalidade. Como Rembrandt nos toques que dava aos quadros dos discipulos enchia-os de vida e luz, assim José de Alencar, retocando os artigos dos collaboradores, aprimorava-os na fórma e esclarecia-os no fundo.

Acompanhando, como redactor politico, a marcha dos negocios publicos, analysando os actos do governo, apoiando ou combatendo os projectos do parlamento, foi pouco e pouco, sem o pensar talvez, deixando-se atrophiar pelas lutas partidarias, não tardando a abraçar a bandeira conservadora, cuja indole mais se coadunava com o seu character moderado, reflectido e sempre correcto.

A correcção foi a linha principal de sua vida: era-o no trajar, no viver e no sentir. Sem o mais leve descuido no vestuario, sem procurar jámais destinguir-se por exteori-dades, sempre calmo, até certo ponto pousado, só era attrahido pela sympathia que inspirava aquelle rosto pallido, emoldurado por cerrada barba esmeradamente cuidada. Sempre de gestos comedidos e olhar sereno, ao vê-lo dir-se-hia que nunca tivera mocidade, essa moci-



dade inquieta, risonha e feliz, que della faz a melhor época da vida ; uma nuvem esbatida, como as que fluctuão ao longe em uma bella tarde de sol, sombreava-o, parecendo recordar uma dessas maguas intimas que de todo jamais se apagão do pensamento.

No trato era amavel, na conversação deixava por vezes de ser chistoso, mas sem se esforçar por sê-lo, fallava com mais vagar do que escrevia. Quando estreou na Camara sahio-se mal, ficou descontente com isso ; mais tarde, porém, tirou a desforra prendendo o auditorio, ainda que com pouca eloquencia, mas extraordinario vigor.

Chegado aos 30 annos, sentiu-se afinal subjugado pela politica e por isso com razão escreveu em sua autobiographia « o politico foi o unico homem novo que se formou na virilidade » ; na verdade assim foi ; já feito nas lettras amenas e juridicas, gozando em ambas boa reputação ; em 1859 deixou a imprensa como combatente de fileira, e passando-se para a reserva aceitou um lugar de chefe de secção da secretaria da justiça, para logo ser nomeado consultor do mesmo ministerio, cargo que exerceu por perto de nove annos com tanto zelo e dedicação, que, dizia-nos elle calcular em seis grossos volumes em 4º, o que darião reunidos os pareceres que emittio, não poucos dos quaes firmárão aresto.

Uma vez decidido a fazer carreira politica, não vacilou mais um momento ; em 1860 parte para o Ceará a pleitear a sua candidatura ; eleito, toma assento na Camara dos Deputados, mas não conseguindo salientar-se de prompto entre os que por esse tempo tanto abrilhantavão a tribuna parlamentar, volve saudoso aos antigos amores litterarios e de novo o poeta romancista desabrocha em flores e fructos, tendo por colorido dominante o indianismo da terra natal.

—Como voltei outros ? ! dizia-nos elle ; as campinas do Ceará derão-me nova vida e ainda mais novas inspirações.

José de Alencar era nativista ao extremo, chegando quasi a considerar se estrangeiro nesta cidade em que passou a maior e mais util parte da vida. Ao voltar de



uma viagem á Europa, por motivos de saude, dizia-nos tambem fallando da natureza ; como aquillo por lá é triste, tanto quanto aqui é alegre ; Lisboa é uma cidade morta, Paris um kaleidoscopio vertiginoso ; só aqui me sinto bem.

Mas já então minava-lhe profundamente a existencia a cruel enfermidade a que succumbio ; á tristeza do mal juntava-se a desillusão politica ; menos de vinte annos bastára para tanto ; e não deixava de ter razão , era difficil comprehender como um talento de tão fino quilate assim fosse posto á margem.

José de Alencar tinha fundas queixas de alguns correigionarios e mais profunda ainda do ex-imperador. Quem estas linhas escreve foi seu auxiliar no *Dezeseis de Julho*, acompanhou de perto o episodio da eleição sextupla do Ceará, está convencido que nelle não coube a D. Pedro II o peor papel, mas tem bases para afirmar que se o ex imperador podia ser cognominado o nosso Mecenas, não era por José de Alencar, de quem jámais foi admirador e menos amigo.

Moço e apaixonado por aquelles tempos, o collaborador de Alencar no *Dezeseis de Julho* tambem atirou a sua pedrinha ao throno em um pamphleto que por ahi se encontrará entre tantos outros esquecidos de igual jaez, mas ouvindo, como ouvio, ao queixoso o caso miudamente narrado, nunca lhe deu inteira razão ; pois o ex-imperador quando Alencar pedia-lhe venia como ministro, para apresentar-se candidato, dizendo-lhe que não achava isso correcto por pertencer ao ministerio que fizera annular a eleição no Senado, para dar ensejo a novo pleito, como que o punha de sobre-aviso que não o escolheria, como não o escolheu.

José de Alencar, já o dissemos, como o poeta foi um politico incorrecto, jámais se súbordinou nesta carreira ás chamadas conveniencias partidarias—como naquelle trato com as musas tambem jámais se submetteu ás regras da arte

Ministro, viveu sempre divorciado do paço e foi avesso ás suas etiquetas, a ponto de deixar de comparecer ás



recepções officiaes nos dias de grande gala, mormente per motivo de anniversario natalicio dos membros da familia imperial, o que deu o motivo ao reparo, que fez o imperador a um dos seus collegas do ministerio.

Ouvimos que o grande estadista Barão de Cotegipe o chamára «pirracento»; o grande romancista José de Alencar nos explicou o motivo, que aqui o reproduzimos como interessante nota anecdotica para a historia do segundo reinado.

De ha muito se levantavão queixas contra o commandante superior da guarda nacional, que era então o general Manoel Antonio da Fonseca Costa, hoje finado marechal Marquez da Gavea; se essas queixas erão ou não bem fundadas, ignoramos, nem vem ao caso verifical-as; quer por esse motivo, quer porque José de Alencar tivesse contas a ajustar do tempo em que fôra chefe de secção da secretaria por onde corrião os negocios da guarda nacional, o certo é, que desde que entrára para o ministerio levára o plano de demittir aquelle commandante superior.

Em reunião ministerial fundamentou e apresentou o decreto da demissão: o integro chefe do gabinete, o Visconde de Itaborahy, ponderou-lhe que as queixas que se levantavão não davão para tanto, fazendo vêr ao collega que o imperador era amigo de Fonseca Costa e que não assignaria assim tão facilmente a sua demissão; José de Alencar insistiu e o gabinete concordou afinal.

Na occasião do despacho, chegada a vez do ministerio da justiça, o imperador leu o decreto da demissão; mas em vez de assigna-lo limitou-se a monosyllabar—bem—e apô-lo por baixo de todos os papeis. Depois de rubricar um certo numero de decretos, fechando a pasta accrescentou—o resto fica para depois.

Notando Alencar que os collegas sorrião e com particular accentuação o barão de Cotegipe, suspeitou que o procedimento do monarcha denotava o quer que fosse que lhe era antagonico; effectivamente o mais intimo dos collegas com quem regressou de carro, disse em caminho que essa era a fórma imperial de rejeitar o decreto que não lhe quadrava.



Segunda vez voltou Alencar com o mesmo decreto de demissão e seguuda vez tornou o imperador a costumada manobra, accrescentando ao citado monosyllabo—veremos isto outra vez.

Não era preciso mais a um ministro da tempera de José de Alencar para tomar um partido decisivo ; na primeira reunião ministerial declarou determinantemente que deixaria a pasta se ella não voltasse do proximo despacho com o malfadado decreto assignado pelo imperador.

No esperado despacho, quando a mão imperial se preparava para remover o conhecido decreto para o ultimo lugar, a do Ministro da justiça impedindo o movimento apresentou outro papel, dizendo Alencar um tanto bruscamente—se V. M. não quizer assignar esse assigne este—era o da sua exoneração. D. Pedro II fez algumas observações no sentido de não assignar nenhum dos dous decretos mas adiante da insistencia do ministro cedeu, assignando afinal o da demissão do commandante superior da guarda nacional.

Não foi esta a unica vez em que se entrechocárão as duas vontades, a do Imperador e a do ministro, talhadas para serem antagonicas entre si e partidas de origens oppostas na escala social ; uma trazia a supremacia da raça e a outra a da intelligencia, esta que se retemperava nas lutas da imprensa sentia-se tão forte que longe de moldar-se como o aconselhavão as conveniencias partidarias, buscava enfrentar e vencer aquella.

A luta empenhára-se, é certo, mas ninguem duvidava do lado em que estava o vencedor.

Afastado do poder, mas não da politica, José de Alencar collocou-se á frente do *Dezeseis de Julho*, que já se publicava sob sua inspiração ; era o momento decisivo, cumpria-lhe desfraldar a bandeira da revolta : não o fez, um momento de esperança acarretou-lhe um momento de fraqueza que decidio de seus creditos politicos.

O processo eleitoral estava concluido, seu nome figurava na lista ; seria o escolhido ?

Esta interrogação trouxe-lhe a perplexidade, e tanto bastou para que o combatente de uma arma em punho



se recordasse de que a politica é uma sciencia de transigencias e concessões. Em vez de começar por uma batalha campal, entrou a fazer escaramuças, a esgrimir á direita e á esquerda, ferindo adversarios e correligionarios a um tempo ; por sua vez os amigos para evitar-lhe os botes certos aporpinquavão-se-lhe simulando sympathias que estavam bem longe de sentir.

Quando José de Alencar chamou para seu auxiliar quem escreve este artigo, disse-lhe—não estaremos sós, temos amigos que nos acompanharão e auxiliarão—com cedo os acontecimentos provarão o contrario ; tão depressa a não escolha do laureado escriptor para representante vitalicio da sua provincia natal revelou o desagrado imperial, como esses amigos debandarão, deixando sós o chefe e os auxiliares. E' curioso isto ; o editor da folha começou desde então a recebê-la devolvida pelos correligionarios ; os que se haviam compromettido em propaga-la e até a mandar o importe das assignaturas angariadas desculpavão-se dizendo estarem elles e os amigos muito sobrecarregados, que não lhe mandassem mais a folha, accrescentando até alguns «para os não comprometter».

Esta deserção tão pouco decorosa por parte de correligionarios, que haviam até fruido favores politicos do jornalista, encheu-o de funda magua e não pouco concorreu para aggravar-lhe os padecimentos. Morava então José de Alencar no fim da praia de Botafogo, e pela manhã passeando com os queridos filhos, que erão seu encanto, não poucas vezes externou essa magua ao discipulo a quem iniciára e dera as primeiras lições dessa arma que em suas mãos era uma clava.

Cabe aqui um reparo muito justo que impõe o dever da amisade, que consagramos a um dos mais respeitaveis estadistas do passado regimen.

Diz-se e já houve quem escrevesse, que entre os companheiros de José de Alencar no gabinete Dezeseis de Julho que lhe forão menos leaes, com relação á sua escolha para senador, figura o Sr. conselheiro Paulino de Souza, que era então o ministro do imperio ; nunca ta



ouvimos do laureado mestre, tanto quanto sabemos e como mero comparsa no caso, assim se passou este :

Como não é ignorado, foi o Sr. conselheiro Paulino de Souza quem lembrou ao seu illustre parente, formador e chefe daquelle gabinete, o nome de José de Alencar, foi quem o apresentou e mais com elle se identificou em o periodo do seu ministerio. O imperador sabia dessa precedencia e da amisade que ligava os dous, e por isso mesmo ao Sr. conselheiro Paulino de Souza externava as queixas que tinha de José de Alencar, como a que acima referimos sobre seu não comparecimento ao paço nos dias de grande gala; e foi tambem por isso, que no dia ou antes na noite do despacho, em vez de dar ao ministro do imperio os nomes escolhidos na lista sextupla, deu-as ao chefe do gabinete, que só na manhã seguinte os entregou a quem competia mandar lavrar as cartas senatoriaes.

Nessa noite esperava José de Alencar em sua casa o Sr. conselheiro Paulino, que lhe devia levar a boa ou má nova, conforme parece que lhe promettêra; promessa que não pôde cumprir desde que, como já vimos, não lhe fôra dado pelo imperador os nomes escolhidos.

Mandando o artigo de fundo para o *Dezeseis de Julho*, recommendou Alencar a seu alludido auxiliar que lhe enviasse á casa as provas e quando as devolvesse mandaria dizer se o artigo deveria ser ou não publicado. Ao terminar um dos ultimos actos do drama a que assistia em um theatro, aquelle redactor da secção litteraria recebeu as provas tão profundamente alteradas, que depois de feitas as emendas guardou comsigo as correctas pelo autor e recolhendo-se á casa, levava quasi que a certeza de que o seu chefe não era um dos novos senadores em expectativa.

No dia seguinte disse-lhe Alencar que o Sr. Paulino de Souza não tinha ido procura-lo de volta do despacho, como promettêra, por isso suspeitara não ser o escolhido; o que bem explicava a falta da promessa, pois certamente não quizera o amigo que tanto o prezava ser portador da má nova; ignorava ainda o que se havia passado, só depois soube a verdade.



Ao receber os nomes escriptos pela mão imperial, o Sr. conselheiro Paulino de Souza não quiz se conformar com a escolha, foi á procura do collega de ministerio com quem tinha maior solidariedade, o barão, posteriormente marquez de Muritiba, e concertou com elle ver se obteria do Imperador a troca de um dos nomes preferidos pelo de José de Alencar; estavam dispendo as cousas nesse sentido, quando, aproximando-se o barão de Cote-gipe, que de longe ouvia a conversa, lembrou ao Sr. conselheiro Paulino de Souza, que assim procedendo iria de encontro á doutrina que sustentára, não havia muito, pela tribuna, e cremos que tambem pela imprensa, que ao Imperador exclusivamente competia, sem audiencia de nenhum ministro, a escolha senatorial.

Se com essa reflexão, posto que partida de quem andava em desavença com Alencar, se derão por convencidos ou não o barão de Muritiba e o Sr. conselheiro Paulino de Souza, é o que não sabemos; o que nos constou é que este ainda reluctou, e só com a intervenção do venerando chefe do gabinete se deu por vencido.

Esta versão póde soffrer retoques não duvidamos, mas que é bem fundada, podemos garantir e basear em factos que em outra occasião, e a seu tempo, talvez ainda sejam expostos documentadamente.

E tanto nos parece ser esta a verdade que as relações amistosas entre aquelles dous illustres membros do gabinete Dezeseis de Julho não forão interrompidas e menos a solidariedade politica que mais que nunca se manifestou na Camara, por occasião de discutir-se a lei de 28 de Setembro de 1874, em que José de Alencar fez parte e como ardente batalhador da opposição dirigida pelo Sr. conselheiro Paulino de Souza.

Mas como quer que fosse, essa preterição não foi dos menores golpes soffridos em vida pelo grande escriptor, que por occasião de taes revezes só buscava dous unicos refugios fundidos em um só no crysol de seus mais ardentes affectos — as lettras e a familia. — Retrahido, de viver modesto, só se consagrava aos filhos queridos e ás producções litterarias, reunindo-os em um só amplexo.



Era bello de ver-se esse homem verdadeiramente illustre despreocupado inteiramente do mundo, rodeado dos filhinhos, passeando ou sentado ao ar livre, interromper as cogitaçãoes em que andava quasi sempre immerso para responder ás curiosas e innocentes interrogações das louras crianças, em cujos olhos cheios de luz e pureza hauria a sua maior ventura na terra.

Por ellas o poeta enfermo e fraco persistia trabalhador infatigavel, folheando e estudando os autos, que lhe entregava numerosa e confiante clientella ; por ellas observava a mais stricta economia que os desaffectedos tão mal traduzião.—A minha vida é curta, dizia elle a um amigo ao ir um dia ao Banco Rural, que ficava perto do seu escriptorio, depositar em caderneta os honorarios que acabava de receber ; preciso juntar alguma cousa para que meus filhos sejam educados sem o favor de extranhos.

O nababo de talento que de tantas riquezas litterarias havia opulentado a Patria, não queria que passasse á Patria a educação dos filhos ; repellia com a sobranceria, que lhe era condigna, a idéa de que elles viessem a precisar de uma pensão dos cofres publicos.

Este nobre traço do seu bello character não é o menos merecedor da nossa admiração. Horacio de outra tempera, de antemão recusava os favores posthumos, que por ventura outro Mecenas quizesse fazer a sua familia.

A enfermidade progredia e o enfermo procurava combatê-la por todos os meios e modos, já submettendo-se á mais rigorosa dieta, já emprehendendo excursões ora á Europa, ora aos sertões da terra natal, ora mudando de residencia e de bairro ; procurava viver, viver unicamente para a familia e as lettras ; e assim ia vivendo, mas sempre trabalhando, o trabalho tambem lhe era allivio ás dores que o cruciavão.

O romancista não cessava de produzir, o jornalista não podia viver inteiramente afastado do campo onde tanto se assignalára e tantas victorias alcançára ; apertou-lhe um dia a saudade, projectou um periodico ao menos, um hebdomadario, para expandir a nostalgia do combate ; ao discipulo com quem sempre manteve as melhores rela-



ções confiou o plano unido a um outro amigo commum, um nobre e bello companheiro, José Lino de Almeida, já tambem finado, e emprehendeu a publicação do *Protesto*, a que deu o significativo subtítulo de *jornal de tres*; foi a sua ultima arma; o combatente ainda com ella esgrimio gentilmente, mas já enfraquecido, não tardou a cessar o *Protesto*, e o ultimo artigo, que delle ficára composto sobre o Diccionario Aulette, sahio na *Imprensa Industrial* que redigião aquelles dous amigos.

Tambem o ultimo artigo sobre seus meritos litterarios que elle leu, já no leito da morte, foi publicado com o seu retrato no *Contemporaneo*, por um daquelles dous amigos, o discipulo agradecido que foi leva-lo em uma das costumadas visitas á rua de S. Clemente, onde o grande escriptor terminou a sua peregrinação.

Dias depois, naquelle mesmo *Contemporaneo*, o mesmo discipulo pagava o tributo de sua profunda saudade, narrando o epilogo dessa vida tão preciosa á Patria, ás lettras e á familia, triplice objectivo do affan com que tanto produziu José de Alencar, chegando no espaço de um quarto de seculo a contar quasi pelo numero das obras publicadas o numero dos annos de tão fructuosa existencia.

Como o soldado coberto de cicatrizes a quem tão eloquentemente dizia o padre Antonio Vieira—morrre e vingate—, assim José de Alencar morrendo aos 48 annos, tão combalido de maguas, vingava-se da maldade dos homens, emmudecendo a penna que de tantos e tão admiraveis primores havia opulentado a litteratura brasileira.

Mais feliz que a do grande épico lusitano, a sua memoria não precisou de seculos para ser exalçada como merece; os contemporaneos pagão-lhe hoje, com usura, o capital e juro, os applausos que lhe regateavão ainda quando o combatente ferio as maiores pugnas e triumphava mais galhardamente.

O dia de hoje firma uma data duplamente memoravel, a do nascimento do cearense illustre e a da glorificação que os fluminenses lhe tributão, acclamando-o como um dos mais bellos nomes do seu jornalismo; quanto a nós,



simples soldado deste grande exercito de que elle foi victorioso chefe, só nos resta bradar com a voz da multidão :

GLORIA A JOSÉ DE ALENCAR!

(Do *Jornal do Commercio*, Rio, de 1º de Maio de 1897.)

---

A nação brasileira paga hoje um tributo de gratidão, congregando-se em torno da estatua de José de Alencar, que se inaugura. Não é vulgar no Brazil esta homenagem, nem consta que haja sido aqui prestada a outro homem de lettras, além de Gonçalves Dias, o grande poeta dos *Tymbiras* e do *Ijucapirama*, no Maranhão.

Illustra-se a geração hodierna com este preito pago ao admiravel escriptor que roteou com brilho os varios campos da litteratura, e que ao lado de tantos trabalhos primorosos no romance, no theatro e na critica ainda soube occupar posição proeminente ao lado dos politicos mais respeitados do seu tempo. No parlamento, nos conselhos da corôa, no pamphleto politico Alencar foi ainda um vulto gigantesco, que hobreou com os mais fortes, e não raro sahiu vencedor das luctas em que se envolveu.

Não é preciso offerecer aos nossos leitores a biographia do eminente romancista cearense, nem ella caberia nos estreitos limites desta folha. Consignemos tão sómente a justiça da homenagem que desde hoje se eternisa no bronze cinzelado pelo bello talento de Rodolpho Bernardelli.

Ella é particularmente feita a um homem de lettras, e os louros que o povo deposita aos pés de um artista da palavra, a um cultor do ideal, honram no mais elevado gráo a sua civilisação e attestam soberanamente a sua cultura.

A estatua será inaugurada hoje, á 1 hora da tarde, na praça Ferreira Vianna, em presença dos Srs. presidente e vice-presidente da Republica, prefeito municipal, do ministro do Chile, almirante Goni e officialidade da divisão naval chilena.



E' este o programma da solemnidade :

1º Discurso do Dr. Ferreira de Araujo, entregando a estatua á cidade do Rio de Janeiro, representada pelo Dr. Prefeito Municipal ; 2º Inauguração da estatua ; 3º Discurso do Dr. Coelho Netto a José de Alencar ; 4º Discurso do Sr. Antonio Salles, representando o Ceará ; 5º Discurso do Sr. Olavo Bilac a Rodolpho Bernardelli ; 6º Execução, pela banda do Instituto Profissional, da marcha, *José de Alencar*, especialmente composta para esta festa a pedido da Commissão Central da Imprensa, pelo illustre maestro Cardoso de Menezes.

Comparecerão, além da banda do Instituto Profissional, duas bandas militares.

A directoria da Arcadia Fluminense, associação de letras e artes, puramente nacionaes, com séde em Petropolis, telgraphou hontem ao Dr. J. Tavares Bastos para represental-a na cerimonia de inauguração da estatua de José de Alencar.

No largo da Carioca, ao meio-dia, encontrarão as pessoas convidadas para assistir á inauguração da estatua bonds especiaes.

(Da *Gazeta de Noticias* de 1º de Maio de 1897).

Honra-se hoje o povo brasileiro levantando uma estatua a um dos homens que mais o tem ennobrecido pelos fulgores da sua intelligencia, pela intensidade do seu sentimento artistico—José de Alencar.

Feliz idéa foi essa da commissão da imprensa incorporando a inauguração desse monumento ao mais original e creador dos romancistas brasileiros no programma das festas populares á esquadra surta nas nossas aguas e que é a representante poderosa de uma das nações mais notaveis pela cultura litteraria do continente Sul-Americano.

A civilisação de um povo afere-se principalmente pelas



homenagens que sabe prestar aos seus pensadores, aos seus artistas, aos seus homens de sciencia, aos que o illustram com o devotamento da sua actividade espiri-  
tual — e o que nós vamos hoje affirmar é exactamente esse culto á memoria dos que, despreocupados do interesse individualista, agitados pela febre do torturante idéal, augmentaram com a soberba contribuição do seu talento o patrimonio das nossas glorias, deram ao poder artistico da nossa raça, da sua capacidade esthetica, um largo e immorredouro testemunho.

De certo o Brazil não é ainda, e nem podia ser, um foco de idéas, um opulento centro intellectual, em que as curiosidades do saber, do instincto penetrante das analyses psychologicas, as audacias do pensamento reformador, as delicadezas da arte se impuzessem pela sua radiação ao apreço universal, deixando em segundo plano o desenvolvimento do nosso commercio e a abundancia das fontes da riqueza nacional.

Como todos os paizes americanos, o Brazil teve de passar primeiramente pela phase exclusivamente mercantil, sujeito á predominancia de uma classe de rudes trabalhadores, refractarios, por educação e por indole, ás occupações altas da intelligencia, e que no seu estreito criterio de rebuscadores de fortuna viam nas sofreguidões da arte funestos desperdicios do labor humano. Só quando a influencia cosmopolita começa a ser neutralizada pela cohesão dos elementos indigenas, dando esteios e fórma definitiva á nacionalidade, é que a expansão intellectual se manifesta e os interesses subjectivos, as exigencias da arte vão fascinando as almas, crescendo o seu dominio glorioso.

Em toda a America do Sul fomos nós, porém, os primeiros que debellámos essa incoercivel oppressão da ignorancia acastellada em ouro, oppondo aos preconceitos do utilitarismo commercial as insurgencias da nossa sensibilidade artistica, o amor, fundamental na raça, da fórma melodiosa, a admiração pelas grandes obras litterarias, esse insofreavel aneio de exprimir n'uma linguagem instrumentada todas as maravilhas da nossa terra



sumptuosa, todas ao tempestades da nossa razão, todas as melancolicas ternuras do nosso genio.

E de que a nossa emancipação se fez primeiro está a prova ahi bem clara na pujança da nossa litteratura, brilhantissima para um povo que nasceu quando o sol do seculo já ia alto, no esplendor da nossa evolução artistica, já notavel na musica, na esculptura, na pintura e, principalmente, na assombrosa fulguração da nossa poesia, que raros povos hoje igualam na factura preciosa do verso e na fina, doce e etherea graça com que dizem todas as agruras, todas as benções, todos os mysterios, todos os encantos magoados do amor.

O pouco que somos hoje já garante o muito que sere-mos amanhã.

Do desenvolvimento litterario do Brazil, da elevação espirital do nosso povo, dá prova hoje a estatua levantada a José de Alencar, o auctor do *Guarany*, das *Minas de Prata* e dessa joia que vale uma litteratura, a brilhante e perfumada *Iracema*. Porque é preciso notar que, tendo sido José de Alencar escriptor e politico, é em honra do escriptor que este monumento se ergue, tributo merecido de uma geração, que professando hoje idéaes bem diversos em arte, reconhece o valor da producção desse evocador de eras mortas, desse interprete quasi divino de uma natureza, toda assombros, desse psychologo soberbo de obscura raça, que com os seus amores voluptuosos, os seus esplendidos cantos triumphaes, o estridor das suas pelejas, povoava de hymnos e dores o coração de nossas florestas.

Grandes devem ser os destinos de um povo que assim sabe amar quem para a sua gloria preparou tão bello monumento de cantos, tão milionarios thesouros de surprehendentes imagens, tão doces livros repassados do que o nosso céo tem mais dourado em pompas e unguido do que o nosso coração tem de mais nobre em sentimentos e idéaes.

(Do *Paiz* de 1º de Maio de 1897.)





A inauguração da estatua de José de Alencar põe uma nota delicadissima nas commemorações em que o povo d'esta cidade está agora empenhado.

Quando ha dois annos inaugurou-se a estatua do General Osorio, estiveram aqui os uruguayos. Recebe-mol-os, como deviamos, com festas e galanterias—mas festas e galanterias de character meramente official sem a menor repercussão no espirito do povo, que, se admira e exalça o seu grande guerreiro, typo legendario de bravura, não tem pelos fastos da guerra do Paraguay o enthusiasmo, que só despertam as grandes causas. D'essa guerra infeliz contra um povo americano, pequeno mas heroico, ha apenas a recordar o brilho e o garbo de feitos singulares do nosso exercito e da nossa marinha.

O conjuncto, desde as causas reaes até o desenlace, quando o recuo do tempo tiver, pela perspectiva historica, dado ás memorias d'esse tempo a sua verdadeira dimensão, apparecerá, senão como um crime ou um erro, ao menos como precipitação lamentavel, como mais um documento da deploravel politica do imperio.

Assim, se é justo que se celebre o santo amor da Patria, que armou para a lucta corações como o de Osorio, braços como o de Caxias e outros, é tambem bom que todas as lembranças, não só de velhos odios já apagados, mas até de simples ressentimentos, vão aos poucos desapparecendo entre os povos de um continente, que deve dar ao mundo o exemplo da fraternidade, da concordia, do progresso pacifico.

Quem melhor para lembrar tudo isso do que um nome de escriptor, de escriptor que foi talvez o maior dos nossos poetas, de poeta que sentio como nenhum outro o ideal americano? Certo esse ideal, que inspirou o *Guarany*, nós hoje reputamos inteiramente falso e, desprezado das paginas de ouro d'aquelle delicioso poema, elle nos parece um tanto pueril. Mas o que vale nas obras de arte, sejam quaes forem as fallaciosas definições que dellas dão os criticos profissionaes, e o sentimento que as inspirou, é o sentimento que lograram transmittir. E sobre esse, não ha duvida. Alencar queria antes de tudo



pintar o homem das nossas selvas, exalçal-o na grandeza, na exuberancia indomita da natureza americana; queria desprender-se dos velhos moldes europeus. Até por esse lado, a sua festa está bem no dia de hoje.

Já se têm feito estatuas fundindo o bronze de velhos canhões para commemorar melhor vultos celebres de guerreiros. Bronze de canhões! por força ha n'elle (que importa se o chimicos o não vêem?) sangue e lagrimas. No da estatua, porém, do poeta do *Guarany* e de *Iracema*, em vez da sombria lembrança de um tropel de batalhas, ha o suavissimo rumorejar das nossas florestas, o murmurio magestoso e manso dos grandes rios d'esta grande America...

Oxalá, cada vez menos possam vozes tão debeis, mas tão puras, ser suffocadas pela grita da discordia, pelo troar sinistro dos canhões!

(D'A *Noticia* de 1º de Maio de 1897).



Inaugurou-se hontem na praça Ferreira Vianna a estatua de José de Alencar, e a essa justissima homenagem associou-se a população desta cidade, representada por todas as classes sociaes.

Apesar do sol e intenso calor, as praças e immediações estavam apinhadas, sendo extraordinario o numero de senhoras.

Foi uma festa essencialmente popular, a que prestou o seu grande concurso o governo da Republica, na pessoa do seu presidente Dr. Prudente de Moraes, que compareceu com a sua casa civil e militar, sendo recebido pela commissão central da imprensa ao som de vivas e do hymno nacional executado por diversas bandas de musica.

Assistiram á cerimonia os Srs. vice-presidente da Republica, Dr. prefeito e conselho municipal, commissão da camara dos deputados, o Sr. ministro do interior, conselheiro Antonio Ennes, ministro de Portugal, commissões do Instituto Historico, das Escolas Superiores, das Faculdades Livres, dos estudantes de preparatorios,



do Gremio José de Alencar, commandante da Brigada Policial e corpos da mesma, officiaes do exercito, magistrados, medicos, litteratos, tendo comparecido tambem grande numero de officiaes da esquadra chilena que foram recebidos ao som do hymno chileno e vivas repetidos.

A familia Alencar esteve representada pela sua estimada viuva, seus filhos, seu irmão barão de Alencar e mais parentes.

A digna senhora recebeu os cumprimentos das pessoas prasentes, inclusive da officialidade chilena.

Pouco depois de uma hora, reunidos com o Sr. presidente da Republica, a familia Alencar, o Sr. vice-presidente da Republica, prefeito, intendentes, commissão da camara dos deputados e outras e muitas senhoras e cavalheiros, o Dr. Ferreira de Araujo pronunciou o seguinte discurso :

Logo depois do fallecimento de José de Alencar, surgiu a idéa de perpetuar no bronze o testemunho do apreço em que tiveram os seus conterraneos o escriptor illustre que tanto brilho deu ás lettras patrias. Essa idéa não occorreu nem ao Ceará que foi seu berço, nem ao Rio de Janeiro, onde elle passou os melhores annos de sua vida, e onde luctou e soffreu, onde está o tumulto que recolheu o envolucro fragil do seu grande espirito. Não occorreu a idéa ao Ceará que mais que todos com tanta razão se orgulha do filho que lhe pagou em gloria e amor a vida que d'elle recebeu, nem ao Rio de Janeiro, ponto de convergencia e fóco de difusão de toda vida intellectual brasileira.

A idéa partiu de Minas Geraes, da cidade da Campanha, onde era então publicado o *Monitor Sul Mineiro*. Foram os redactores desse jornal, que abriram uma subscrição para o pagamento desta divida nacional, mas não foi por acaso que á Minas coube tal gloria. E' que os redactores desse jornal sentiam correr-lhe nas veias o sangue de Evaristo da Veiga, o grande jornalista do primeiro alvorecer da nossa vida politica e litteraria.

Lançada a idéa, a familia Veiga honrou a redacção da



*Gazeta de Noticias*, desta Capital, com o encargo de a vulgarisar. Vieram os donativos que chegaram para os primeiros trabalhos e ficaram esgotados quando foram assentados a primeira pedra e o pedestal do monumento que hoje inauguramos.

Em fins de 1894 pensou-se em dar o ultimo e decisivo impulso ao projecto. Contava-se com o talento e a abnegação de Rodolpho Bernardelli, mas era preciso pagar o bronze e a fundição no estrangeiro. Realisou-se um concerto, que foi uma festa brilhantissima, porque foi principalmente uma festa de senhoras, que porfiáram em pôr seu talento e a sua gentileza ao serviço da glorificação do poeta que doces emoções lhes causára nos seus livros em que o amor palpita quasi em cada pagina.

Com o producto dessa festa fez-se a estatua que ahi está, e que temos a satisfação de desvendar aos olhos do publico, satisfação multipla porque a fazemos em presença dos nossos amigos de além dos Andes, porque é uma prova do culto em que o Brazil tem os seus homens illustres e porque é o documento tangivel do merito de um artista nacional e porque aqui está justamente orgulhosa a sua illustre familia, a quem elle legara as delicadezas de seu grande coração e as energias de alevantoso espirito.

O que foi José de Alencar vai dizel-o Coelho Netto, um dos moços que com mais successo leva por diante a gloriosa tarefa que Alencar deixou tão bem começada; e do muito que nos merece Rodolpho Bernardelli dirá Olavo Bilac que tem uma alma de artista, como o nosso esculptor, e, como elle, o culto sagrado da fórmula.

A minha missão limita-se, n'este momento, a agradecer aos nossos hospedes chilenos a honra de sua visita a esta festa de familia, em que elles tinham seu logar marcado, como nossos irmãos, orgulhar-me com todos os nossos patricios, por termos sabido cumprir este dever civico, e a fazer entrega, como n'este momento faço, da estatua de José de Alencar ao governo municipal da Capital da Republica.

Que a guardem zelosamente os que governam esta



cidade, com o carinho que merece o seu filho adoptivo, que foi homem politico e occupou altas posições, mas passa á posteridade como poéta, isto é, pela qualidade que não lhe deve a força de que não raro se abusa contra os contemporaneos, mas que lhe deu o prestigio que é o que fará viver pelos tempos fóra, onde quer que haja quem seja capaz de sentir e comprehender a alsa da arte, a mais pura, a mais alta manifestação do que ha de divino na natureza humana.

O Sr. Dr. prefeito disse :

« A municipalidade do Districto Federal recebe com a maior satisfação o monumento levantado pela imprensa a José de Alencar.

Não póde regatear encomios por ver stereotypada no bronze a memoria de um brasileiro, illustre na litteratura, na imprensa e na politica, apesar de já ter elle deixado no seu rico espolio litterario monumento mais immorredouro que o bronze ; *ære perennius*.

Não é de desprezar a circumstancia que a obra artistica é de escultor brasileiro.

Felicito a imprensa pela sua nobre iniciativa, digna dos maiores elogios, e muito para ser imitada.

A vida das democracias depende exclusivamente da iniciativa particular, que suppre e corrige muitas vezes a fraqueza ou a iniciativa dos governos. »

O Sr. Coelho Netto pronunciou em seguida o seguinte discurso :

Exms. Srs. Presidente e Vice-Presidente da Republica.

Sr. Prefeito municipal ; dignos representantes da Republica do Chile.

Exmas. senhoras ; meus senhores.

De tamanha excellencia é a cerimonia que aqui nos reúne em communhão religiosa, porque a arte é um culto, que eu, deslumbrado e commovido, não sei se devo começar por agradecer a Deus o presente d'esse espirito que hoje canonisamos em um concilio civico dando-lhe a ara vasta da cidade por solio, se ao artista que esculpiu o molde da pessoa de Alencar e ao poeta, seu epigno, que, como Sophocles moço, sahiu á frente da turba, com a sua



lyra, entoando, não o *pean* da victoria das armas, mas a *ode* do triumpho espiritual, conclamando a cidade para esta apotheose.

Saldamos um compromisso de honra.

Este momento é genuinamente popular porque foi feito a expensa do povo—o qual corria com mais pressa ao monte, querendo ser o primeiro a deixar o seu quinhão como se, com a curta demora, fizesse jús ao labéo de ingrato—e o vulto ahi esá presidindo á vida da cidade e dando-lhe o prestigio da sua presença. Eil-o ! . . .

*Ecce pulvis!* Sim, eis ahi o pó : a imagem recomposta, o barro que se fez bronze nas mãos do artista eternisador. Mumia, nada mais. E' a fórmula corporal do que se foi. Erecta como um marco milliario. significa a victoria de um espirito.

Eil-o ! como um deus no seu altar.

Quando nos encontramos de face com a esculptura que representa o crucificado deixamos que o nosso espirito fique agarrado á iconographia ? não ? ella é apenas a bahia que mostra o caminho da Verdade Suprema. O nosso olhar pouco se demora em ver, logo desvia em extase, o symbolo é a suggestão divina.

As religiões tem necessidade dos idolos para que o povo, vendo a representação *zineta* da abnegação. O cruzeiro, com os seus grandes braços dilatados, é a imagem do mundo que Deus enche com a sua essencia.

Vêde-o : os pés na terra, a dextra no oriente, a sinistra no occidente, no zenith a cabeça. Todo homem é uma grande cruz onde uma alma padece, Deus que é alma grande da natureza, fazendo-se homem, quiz apresentar em symbolo o soffrimento humano e o grande bem da morte : subindo o calvario, agonisado e pendendo a cabeça ; depois resurgiu dos mortos na terra como para demonstrar a perpetuidade da vida material que se reproduz em germens e ascendeu ao céo como para soffrer a eternidade da vida espiritual.

A ressurreição é um facto material, a ascensão é a hypothese feliz, o symbolo é a representação do abstracto,



mas que symbolisa essa figura que é um patrimonio da cidade ?

Era esse o homem que hoje glorificamos como o éponymo de uma epoca ? não —ahi está apenas a representação da substancia transitoria : o pó. Porque não relampejam aquelles olhos onde ardeu, como na sarça montesina, o fogo do genio, dentro do qual Deus, que trata com os homens por intermedio dos vates, tantas vezes se manifestou na inspiração ? e aquelles labios, duramente cerrados, porque já não instillam o mel suavissimo dos periodos ? e aquella fronte porque se conserva impassivel ? aquella mão, escrava fiel do pensamento, porque não se move ? é tudo bronze, rigido metal... e o bronze eterno, e o bronze volta a terra... *pulvis est*.

Vêde a Grecia que agora se debate reunindo os restos do seu heroismo para oppôr á ferocidade musulmana. Já não ha um templo nas suas cidades, já não ha deuses ; as estatuas cahiram e são pó... *etium periere ruinae*... as mesmas ruinas pereceram.

Nessa nuvem densa que se levanta nos campos desolados da Thessalia sob as patas dos ginetes tártaros, quantos atomos de magnificencia ! Num bruto tartz ha os restos de um pedestal divino, mas quem pára diante da ruinaria ? o archeologo, esse mesmo para reconstruir pacientemente com palavras o labor do cinzel que o barbarismo destruiu. A Grecia é um estupendo sepulcho, mas vêde como em todo o mundo se levanta um voluntariado heroico e quem chama ás armas o Universo em favor da Hellenia ? quem préga a nova cruzada ? a Arte é Homero, é Eschylo, é Sophocles, é Anachreonte, é Phidias, é Zeuxis, é Apollo, enfim ; o sempiterno Apollo — *Ecce pulvis !* repito : esse é o pó, somente o pó. Deus é a imagem do templo, que tanto póde ser destruido pela agua como pelo fogo, pelo gladio como pelo martello ? não ! Deus é a primavera em flor, é o outomno em fructo, é o estio d'oiro, e o inverno branco. Deus é o azul e o verde ; o céo e a terra ; Deus é o sel e a constellação ; é a Via Lactea e é o Iris, é o fogo e é a agua, é a bonança e é a tormenta. Deus é o ambiente ; a Morte e a Vida. No ha-



lito communga-se, communga-se no fructo, na agua que nos desaltéra, na chamma que nos aquece, no canto d'ave que nos commove, no choro da criança, no suspiro do ancião ; a hostia é um symbolo, a imagem é lenha, o altar é pedra... *pulvis*... Para gloria de Deus basta um lyrio e é pequena uma cathedral.

Esse bronze é apenas um symbolo, veio de um *atelier*, é um trabalho de um homem e porque o exigiram ? porque vem elle occupar um logar na praça, tomando o caminho aos vivos ? exigencia do Culto.

O estrangeiro que por aqui passar, vendo essa figura, deterá os passos e perguntará quem foi e logo saberá pelos naturaes, que esse emblema é o de um ancestra, e no que relembram aquellas lendas, como esse escaravelho que os egypcios faziam acompanhar a mumia symbolizando a alma immortal encontrará a obra eterna, o impercível thesouro do grande e dulcissimo poeta. *Pulvis est*... nada mais. Essa obra, entanto, póde resistir, sendo pó, porque ha nella a scentelha artistica, resistindo, porém, fará mais bello seu autor do que pelo seu modelo, visto que rememora apenas o que passa, o ephemero, o contingente, o dispersivo: *pulvis*. Mas vamos ao caminho que ella nos aponta—o vulto é um hierophanta : vai iniciar-nos.

*O Guarany*... ecce homo ! Eis a patria na sua infancia, núa e innocente ; a vida selvagem nas locas, á beira dos rios claros : a tribu com a sua poracé e, irrompendo como no Paraiso, á sombra grande da brenha virgem, o amor das almas, a conjugação dos dous espiritos ; o do indio Pery, o mundo selvagem, com o de Cecy, a Dôr a Civilisação e, como confidentes desse amor, o arvoredado que sussurra, a catadupa que escachôa, o arroio que murmura, o jaguar que frême, a ave que papeia, a fiôr que trescala, a nuvem que empanna, o sol que aclara, a estrella que brilha—longe o Catariso do Aymoré, perto o cicio da conspiração—eis a vida iricial da Patria. Quem se move nesse poema que é, ao mesmo tempo, um idyllio e uma epopéa barbara ? o indio, o aventureiro, e essa figura casta



que atravessa o livro levemente como uma doce visão—Cecy.

Como apothese as duas creaturas fugindo á fiôr das aguas tendo por barco de salvação a verde palmeira que as leva, balouçante, para o infinito dos mares onde desaparecem atterradas... ? não, beijando-se que o amor não lhes dá tempo a verem a morte de modo que a entrada dessas duas creaturas no Paraizo não foi uma surpresa mas uma continuação da ventura porque passaram pela morte sem sentir tão elevadas iam. Vêde a poesia da amiga *Iracema* «o mais brasileiro dos nossos livros, esse poema barbaro que trascalá o aroma genesico das pastoraes» como disse Alencar Araripe—é por assim dizer a glorificação do berço do poeta.

«Verdes mares bravios da minha terra natal onda canta a jandaia nas frondas da carnauba.» E' a terra cearense que tem como sentinella no limiar esse roleiro mar todo verde, com a sua renda branca de espumas e na praia, em fila, como em um templo hypostolo, as palmeiras viçosas—lá no mais intimo vivia a india, no ádyto da selva, como a Alena suave do arenoso e cáldo Ceará; *Ubirajara*, a nobreza indigena: *As minas de prata*, a vida aventureira e auri-sedenta dos primeiros tempos e os perfis femininos de *Luciola*, *Diva*, *Senhora*... mas não devo citar mais; não quero fazer ao povo a injustiça de julgar que haja um brasileiro, que sabendo ler, desconheça as obras do seu grande poeta, que mesmo atravessando o campo da politica, levava em punho a sua lyra sonora. O meu intuito é levantar o *Ave!* da apothese e aqui o faço mostrando ao povo o seu mais genuino bardo.

A's mãis, que são as vestâes sagradas que velam pelo lume que ha de aclarar o Futuro:—as crianças, mostro-o particularmente para que façam vir, de quando em quando, os pequenitos a este logar santo onde se acha um dos nossos *lares praestites*.

*Pulvis est!* disse eu ao começar, vejo, porém, que ha mais que poeira—ha nesse bronze, que o céo illumina, alguma cousa mais que a scentelha do genio do estatuário,



ha como uma vida propria. O metal anima-se e, como esse Memnon, filho da Aurora, feito em estatua immota que á fulguração dos raios maternas desferira, no dizer de Strapo, sons que pareciam de afinadissimas lyras, este bronze, tambem, á luz magnifica da manhã vindoura, ha de resoar abundantemente os grandes hymnos da Patria primitiva.

*Ecce homo!*

Afortunadamente, na hora augusta da apotheose, temos comnosco os nossos irmãos do Chile. Elles que levem á sua Nação andina a nova do que virão, que deve ser sympathico aos de além porque a festa que celebramos não é apenas a glorificação de um brasileiro illustre, mas significativa é de maior alcance a solemnidade porque é a Exaltação do Espirito Americano.

E agora, vós todos, hoje e por sempre

*Onorate l'altissimo poeta!*

Representante do Ceará, pronunciou o Sr. Antonio Salles o seguinte discurso :

Minhas senhoras, meus senhores — A sorte reservou-me a dita extraordinaria de representar o Ceará no dia em que a patria condensa em bronze a sua admiração por José de Alencar.

Com o correr dos annos, desaggregou-se a escoria dos doestos, virou cinza vã a lama da maledicencia, e a figura do mestre ora se eleva aqui immacula e grandiosa, erguendo-se na praça publica como o vulto de um santo perante o qual todos os joelhos se dobram na mesma curvatura de veneração.

Vivo, talvez que só ao parlamentar e ao conselheiro de estado se descobrisse a multidão ; morto, é ao homem de lettras e só a elle que a multidão consagra neste momento.

Disse-se algures exageradamente que só a Arte immortalisa ; não—tambem a sciencia, o patriotismo, a philantropia e o proprio amor eternisam a memoria dos homens ; mas a inmortalidade que vem da Arte é a mais pura, a mais legitima, a mais invejavel.



Este que aqui vêdes traçou com sua penna athletica o sulco profundissimo em que assentou os fundamentos da Arte de escrever no Brazil.

Elle veio da terra dos sóes flamejantes e dos mares indomitos trazendo no cerebro portentoso o cosmos de um mundo de que seria o verbo potente e fecundo.

Sobre um chão aspero e invio elle ergueu sua tenda mysteriosa, contra a qual não raro os traseuntes atiravam pedras e vociferavam condemnações, e lá dentro, o grande artifice, ora manejando o cinzel de Miguel Angelo, ora o buril de Bemvenuto Cellini, entregava-se á elaboração de suas creações immortaes.

Entrementes, para entreter a curiosidade das gentes, com dous traços de cinzel sobre um punhado de gesso, elle produzia um bibelot, um folhetim, um romancete encantador, ou a caricatura de um escriptor, que lhe aprazia estygmatisar.

Mas, um dia, perante a multidão assombrada, elle exhibiu o *Guarany*.

A musa do idylio e a musa da tragedia haviam presidido á feitura da obra sublime.

Ah! todos sentirão bem que este amado Brazil com toda luz do seu sol, com todo o esplendor selvatico das suas florestas, com toda a magestade dos seus rios colossaes, com a fragancia das suas flores, com o vosear ineffavel dos seus passaros, com o rugido das suas féras, com a ternura e a abnegação de seus filhos estão concretisados nas figuras e nas paisagens do *Guarany*.

O que os *Lusiadas* é para Portugal, o que o *Fausto* é para a Alemanha, o que a *Legenda dos seculos* é para a França—é para nós o *Guarany*—um livro singular e inegualavel, que retrata a natureza do nosso paiz desde as estrellas que tremeluzem nos seus céos até os vermes que pululão no seu sólo.

Pery é a personificação da primitiva raça brasileira como Alencar a sonhara,—é o caboclo destemido, abnegado e amoroso, subjugando feras e deixando-se subjugar pela branca mão fragilissima de uma mulher, d'essa suavissima Cecy—um dos typos femininos mais



genialmente creados por todos os grandes modeladores de seres de ficção—emula de Chloé, de Ophelia, de Graziella, de Virginia e de Margarida.

Depois, quiz Alencar symbolisar a sua terra natal em um typo immortal, em cuja alma palpitasse a infinda poesia d'aquelles céos sempre azues, d'aquelles verdes mares pravios, d'aquellas areias brancas ensombradas de coqueiros —e creou Iracema—a virgem dos labios de mel, que tinha a trança negra como a aza da graúna e a bocca cheirosa como a fava do jaty.

A sua inspiração e a sua nostalgia fundiram-se no typo da formosa cabocla, cujo seio inflamou-se de amor pelo guerreiro branco.

Ah! Iracema vive, meus senhores! Vós todos a tendes estampada na imaginação, como se realmente a houvesseis conhecido, como se a houvesseis acompanhado através da floresta, como se a houvesseis visto mergulhar na limpida turqueza das aguas de Porangaba, como se a houvesseis contemplado nos clarões finos e melancholicos do pôr do sol, de pé sobre a praia alvacentas onde se vinham desdobrar gementes as grandes ondas de esmeralda, por onde passam celeres as jangadinhas brancas... Aos nossos ouvidos parece que já soou positivamente o grito agudo e lamentoso da jandaia, repetindo ás virações marinhas o nome de Iracema.

*Iracema!* Como este nome nos falla tão docemente de faces morenas como as rolas bravas, de labios vermelhos como a fructa das cardas, de cabelleiras negras como a plumagem dos corvos, de olhos pretos e rutilos como céos ermos de lua e recamados de estrellas.

*Guarany* e *Iracema* são as duas culminancias da obra do mestre, são as duas columnas sobre as quaes assenta mais solidamente a sua gloria.

Bastava ter talento para escrever o resto das suas obras; para produzir *Guarany* e *Iracema* era preciso ter genio, era preciso possuir uma alma illuminada pela mesma chamma que illuminou as de Dante, de Goethe e Shakespeare.

Só no genio é dado proliferar em creações que ficam



vivendo no pensamento humano como astros que não se extinguirão jámais : só ao genio é dado povoar o mundo de ficção de seres que synthetizam uma porção da alma da humanidade.

Ha vinte annos que elle se sumiu no golpho extremo da morte, e desde então que seu nome cresce anno por anno, dia por dia ; como as eminencias, elle nos vai parecendo maior á proporção que nos affastamos d'elle, porque nossos olhos vão pouco a pouco abrangendo a altura a que attingiu seu genio e que já nos parece vertiginosa.

Uma aguia não desdenharia alar-se á flecha d'esse monumento, e uma nuvem gostaria de cingil-a em sua chlamyde irisada.

Meus senhores, exultemos ! O povo que honra a intelligencia humana elevando uma estatua a um dos seus filhos cuja mão só soube brandir uma penna, só viveu para o ideal—é um povo para o qual reserva o futuro as mais altas e formosas esperanças de gloria !

Este bronze é um bem inestimavel que se faz á intellectualidade nacional ; elle servirá de exemplo a futuros escriptores, não desconsolam e triste como a que apontava Camões, mas estimulando, encorajando aquelles que se votam ao culto das lettras em nosso paiz, culto que já foi um martyrio inutil, incompensado.

Começa felizmente a época das reivindicações.

O Brazil inteiro se congrega hoje aqui á memoria do mestre, todas as estrellas do nosso pavilhão projectão a mesma luz glorificadora sobre a sua effligie.

Uma d'ellas, porém, a envolve mais cariciosamente, com maior emoção e maior amor, é o Ceará, é a terra natal de Alencar, aquella que lhe ouviu os primeiros vagidos, que lhe espreitou os primeiros sorrisos, que lhe embalou os primeiros sonhos.

E é em nome do Ceará que me apresento diante de vós, e venho trazer esta corôa ao monumento, que eternisa em um bronze de Bernardelli a memoria do mestre incomparavel.

Seguiu-se com a palavra o Sr. Olavo Bilac :

Senhores. — Quando Pericles (talvez o filho maior



d'essa Grecia querida, cujo nome é tão doce lembrar, mesmo n'esta hora tristíssima em que a alma latina vê a Terra Santa da Arte profanada pelo povo barbaro do grande assassino), quiz dar a Athenas a gloria immorredora de possuir o Acropolio, não hesitou em pedir ao povo, para a construcção d'essa obra formidavel, a somma de dous milhões de talentos. E como o partido aristocratico recuasse diante da responsabilidade d'essa enorme despesa, em que seriam tragadas todas as contribuições dos alliados e todas as riquezas do thesouro de Délos—Pericles declarou que sósinho se responsabilisaria pela construcção do Acropolio, mas que tambem elle teria a honra de ver o seu nome inscripto nos porticos de marmore. Então, todo o povo atheniense, com aquella febril ambição de gloria que o levou a dominar a terra pelo pensamento, depois de haver dominado pelas armas, rompeu a clamar—que não ! que não ! que todo elle queria ser venerado pela posteridade, quando ella beijasse chorando as ruinas d'aquellas estatuas, os blocos esboroados daquelles marmores, o cadaver daquella cidadella—templo, que ia surgir ao sopro creador de Phidias. Assim, a estatua colossal do Pallas-Athene, de ouro e marfim, symbolo da sabedoria divina, de pé, sobre a collina sagrada, affrontando o mundo, olhando a immensidade do mar com as suas pupillas de onix, e protegendo o povo grego com a sua egide sacrosanta, foi de facto uma criação de Pericles. E dessa criação de Pericles, dentro do santuario da deusa, aos seus pés, foi que, animada pelo culto extremado da arte, nasceu toda a civilisação do Occidente.

Não ha no Brazil, senhores, esse amor colectivo da arte. O mesmo facto de se erguer hoje na praça publica a estatua de um homem de lettras não prova que o Brazil comece a amar verdadeiramente aquelles que tentam fixar nas paginas de um livro, nas tintas de um quadro ou no marmore de uma estatua a grandeza da sua terra. Ha doze annos, lembrada pela imprensa de uma cidade mineira, surgiu esta idéa de honrar a memoria querida de José de Alencar; ao cabo de doze annos de lucta,



as subscrições populares não bastaram para pagar o trabalho do artista.

E' que, no rochedo que demora, na planicie do Cephisso, entre o Hymetto, o Lycabetto e o Hélicon—no rochedo de onde Pallas-Athene, com um simples golpe da sua lança, fez brotar a oliveira de folhagem pallida, a arvore bem-amada da Attica—nunca se teria feito pedra immortal o sonho de Phidias, se o artista não tivesse a sustentar o seu talento aquelle homem sereno, tão amigo da Paz, que poudo dizer, na hora da morte: « Dizem que fui a obra prima da minha patria e do meu tempo; mas o unico elogio que de mim mesmo faço, é declarar que nunca, por minha culpa, um Atheniense trajou luto! »

Phidias não existiria sem Péricles. . .

Trabalhar, entre o silencio indifferente de uns e o odio de outros; trabalhar sem descanso, tendo como conforto unico a fe no proprio trabalho; trabalhar sem recompensa, apenas para cumprir um dever, sem esperanza da popularidade, —é virtude que a poucas almas é dada.

Mas, ha no Brazil quem a possúa. Basta citar o nome de Rodolpho Bernadelli, o mestre, moço e querido, que perpetuou no bronze o cantor de *Iracema*. Emquanto cá fóra a vida politica tumultúa, na sua esteril agitação, o artista obscuro e modesto no recolhimento do seu *atelier*, vive fechado com o seu grande sonho immaculado, dando á gloria da pobre Arte Brasileira o melhor da sua vida, toda a energia do seu cerebro, toda a força de sua alma. Só, sem animação, vendo logo surgir em torno de qualquer projecto seu todo um mundo de difficuldades, trabalhando n'uma terra em que—ser artista, se não chega a ser uma deshonra tambem não chega a ser uma honra,—Bernardelli deu a José de Alencar (mais conhecido ainda hoje como politico do que como romancista) a mais bella e mais duradoura das consagrações: já agora é possivel que a profissão das lettras mereça mais respeito, uma vez que o povo está vendo que um homem



de lettras merece tambem a homenagem devida aos heróes e aos bemfeitores da patria.

E não seria justo que o nome do esculptor não fosse entregue ao applauso publico, ao lado do nome do escriptor glorificado.

Que este dia, (o primeiro dia em que o governo do meu paiz dá uma demonstração publica de que deseja honrar a arte e a litteratura do Brazil, vindo assistir a esta festa de homens de lettras) possa iniciar uma éra nova de florescimento intellectual! Mas, emquanto não chegam esses dias de ouro, emquanto um Pericles não vem, que saiba emprehender a campanha da nossa educação artistica, — depois de ter acclamado o nome de Alencar, acclamemos o nome de Bernardelli, pelo que elle representa de dedicação, de probidade e de talento! »

Eduardo Saboya, ao entregar á viuva do grande romancista um ramilhete de flores, disse :

« Minha senhora. — Os cearenses residentes n'esta Capital vos entregam este modesto ramilhete para significar o apreço em que vos têm, a vós que tivestes a extraordinaria felicidade de acompanhar o nosso grande patricio na sua brilhante jornada.

N'esta ultima viagem, que elle faz para a Gloria, o seu cortejo são nossas benções e a sua aureola o culto do nosso eterno amor como penhor d'esses sentimentos. Exma. senhora, recebei esta lembrança, que só vale pela expressão sincera de seu nobre ideal. »

Do Instituto Historico foi orador o Sr. Barão de Alencar, que disse :

« Em nome do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, saúdo a estatua de José de Alencar.

A homenagem da illustre associação dil-o, a escolha da minha pessoa para orador da commissão encarregada de represental-a n'este acto, é profunda e sem restricções.

Com effeito, senhores, o Brazil sagra hoje a reputação do grande escriptor. Diante da apotheose do seu nome, diante d'este monumento levantado pela patria em honra sua, só cabe o applauso amplo e pleno pela glorificação de sua penna. Que panegyrico maior do que aquelle que



a consciencia nacional mandou escrever na linguagem lapidaria do estatuário? O que poderiam inspirar-me os sentimentos de irmão, que exprimissem mais do que significa esta estatua? Um povo só perpetua no bronze a gloria dos seus grandes homens, a gloria dos homens immortaes.

Para o Chile, que assiste a esta manifestação, representada na pessoa dos officiaes de sua esquadra, o nome litterario de José de Alencar já é desde muito conhecido. Carlos Walker Martinez, um dos mais distinctos litteratos chilenos, commemora ha 29 annos a morte do grande romancista brasileiro. Na Bolivia, na Republica Argentina e no Perú, os seus livros circulam e são equivalente estimados. Não seria, pois, exagero affirmar que a fama litteraria do seu nome é tambem americana.

Uma tendencia natural predispõe os temperamentos nervosos a cultivar a imaginação; e a imaginação, senhores, é a *alma parens* da litteratura, a creadora dos homens de lettras.

José de Alencar foi um desses temperamentos. A sua imaginação era uma herança de sua mãe, como elle o disse no prologo de um dos seus dramas, do mesmo modo que no seio da mulher sem macula gerou-se a indole divina do redemptor da humanidade.

O outro traço saliente que o distinguia era o character, — uma vontade soberana e independente, que não obedecia senão a si propria e que fez d'elle a individualidade que foi, nas lettras e na politica; como a aguia, no seu alto vôo ia sempre só.

Essa, fôra a herança paterna: — a herança d'aquelle que lhe deu o nome e que a historia apresenta como um modelo de probidade civica e de inexcedivel patriotismo.

Devo recordar uma circumstancia. A idéa de levantar a estatua de José de Alencar surgiu e tomou corpo no tempo do imperio. Ella mereceu portanto a sancção da geração no meio da qual elle morreu e a que pertencia.

José de Alencar, senhores, não foi em vida membro do Instituto; mas póde-se dizer que lhe foi conferido o



seu diploma, no discurso necrológico do anno de seu fallecimento, pronunciado pelo illustrado orador, fiel interprete dos sentimentos, em sessão solemne, presidida pelo Sr. D. Pedro II, imperador então do Brazil.

Nessas rapidas palavras deixo consignada a representação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro no acto solemne da inauguração da estatua de José de Alencar.

*Esto perpetua.*

—Finda a inauguração, voltaram ao hotel dos Estrangeiros o Sr. presidente da Republica e grande numero de cavalheiros e senhoras, sendo-lhes offerecido profuso *lunch*, fazendo o Sr. José do Patrocínio, ao servir-se o champagne, uma saudação ao Sr. presidente da Republica.

Pouco depois retiraram-se, com as formalidades com que foram recebidos. os Srs. presidente e vice-presidente da Republica.

A colonia cearense desta capital depositou na estatua uma bella corôa de louros e um ramo, e o Sr. José Ve-rissimo um ramo pela *Revista Brasileira*.

(Da *Gazeta de Noticias* de 2 de Maio de 1897).

